JOSÉ FRANCISCO CARVALHO COSTA

Revista USP – Um percurso singular

Dissertação de Mestrado apresentada ao
CJE da Escola de Comunicações e Artes
da Universidade de São Paulo, na Área de
Jornalismo – Núcleo de Jornalismo
Comparado –, como exigência para a
obtenção do título de Mestre em Ciências
da Comunicação, sob orientação do Prof.
Dr. Osvaldo Humberto Leonardi Ceschin

São Paulo
2007

JOSÉ FRANCISCO CARVALHO COSTA

Revista USP – Um percurso singular

Dissertação de Mestrado apresentada ao
CJE da Escola de Comunicações e Artes
da Universidade de São Paulo, na Área de
Jornalismo – Núcleo de Jornalismo
Comparado –, como exigência para a
obtenção do título de Mestre em Ciências
da Comunicação, sob orientação do Prof.
Dr. Osvaldo Humberto Leonardi Ceschin

São Paulo
2007

Dedicatória

À minha família, pelo apoio, pela compreensão e pela paciência durante a elaboração desta dissertação; à Sil, pelo incentivo.

Agradecimento

Ao corpo de profissionais da *Revista*, agradeço pela generosidade e pelas informações que muito me ajudaram na elaboração deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho descreve a trajetória da *Revista USP*, nas suas diversas fases históricas, e analisa as principais características que a tornam uma publicação singular entre as revistas universitárias.

Nesse processo, a *Revista* foi se consolidando como periódico com aspectos inovadores, que a marcam como veículo híbrido, que de certo modo escapa a uma classificação específica, como, por exemplo, uma revista científica, estritamente acadêmica ou mesmo técnica. Como revista institucional, cumpre mais de uma função e sempre identificada com a Universidade de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE

Revista – Periodismo – Publicações Institucionais – Revista Universitária

ABSTRACT

This work describes *Revista USP* trajectory across its several historical phases and analyses the main characteristics that make it a unique publication among the university magazines.

During this process, *Revista USP* is being consolidated as a periodical with innovative aspects, thus being characterized as a hybrid medium, which makes it difficult to be ranked in a specific classification, such as a scientific, a straight academic or a technical magazine. As an institutional magazine, it accomplishes more than one function and is permanently identified with Universidade de São Paulo.

KEYWORDS

Magazine – Journalism – Institutional Publications – University Magazine

SUMÁRIO

1. À guisa de explicação	1
2. A pré-História da <i>Revista</i>	5
3. O Conselho Editorial da <i>Revista</i>	18
3.1 O primeiro Conselho	18
3.2 O Conselho posterior	38
4. Uma história da <i>Revista USP</i>	48
4.1 O início da <i>Revista</i>	50
4.2 Uma subsala, uma redação	58
4.3 Por que a <i>Revista</i> é diferente?	71
4.4 <i>Revista</i> , segundo momento	76
4.5 O atual: 3º momento da <i>Revista</i>	81
5. Notas finais	84
6. Bibliografia	88
7. Apêndice	90
8. Anexos	92
8.1 Anexo A	93
8.2 Anexo B	94
8.3 Anexo C	95

1. À guisa de explicação

Acreditamos que o trabalho que ora apresentamos seja verdadeiramente importante dentro da história do Jornalismo, em especial no que diz respeito às revistas – e ainda mais no que se refere às revistas acadêmicas. Acreditamos também que o que acabamos de dizer não seja de modo algum hiperbólico, haja vista a carência de estudos e pesquisas sobre revistas, sejam elas mercadológicas ou acadêmicas, tanto no país quanto no plano internacional.

A idéia de elaborarmos um trabalho sobre a *Revista USP* nasceu a partir de duas constatações básicas: a primeira, mais importante, diz respeito ao fato de que o veículo, que começou a ser viabilizado em 1988, na gestão do Reitor Goldemberg, cumpriu e vem cumprindo fielmente seus propósitos (quais sejam, os de levar cultura e ciência a um público não especializado, leigo, fato por si só inusual, academicamente falando). Documentar essa empreitada uspiana de sucesso que já dura 18 anos – a *Revista* começou a circular em março de 1989 – é, portanto, fundamental, necessária. A segunda razão diz respeito às peculiaridades que tornam a *Revista USP* única entre as suas congêneres, seja as eminentemente acadêmicas, seja as universitárias.

Tais peculiaridades serão expostas e discutidas ao longo de todo o trabalho – esperamos, com êxito. Mas é possível dizer desde já que entre essas singularidades estão a adoção de números temáticos, do cunho ensaístico dos artigos que a conformam e da busca constante da multidisciplinaridade.

Tratamos da *Revista USP*, mas é preciso conceituar, de alguma forma, o que é “revista”. Tal conceituação está longe de ser consenso – como dissemos, há pouquíssimo material de consulta sobre o tema –, mas seria possível dizer que, grosso modo, revista é uma publicação periódica, impressa ou não, acadêmica, mercadológica ou científica (*Nature* e *Science* são as mais vistosas aí), marcada por um projeto editorial e gráfico – no caso das impressas –, voltada para um determinado segmento de público.

A essa tentativa de definição, devido atualmente à esmagadora heterogeneidade do veículo, poderíamos acrescentar duas outras palavras ligadas a ela, e que dão ótimas pistas a seu respeito: variedades, de um lado; miscelânea, de outro. Poderíamos dizer que ambas, de forma visceral, circunscrevem “revista” desde seu surgimento, no século XVII, mais precisamente em 1663, em Hamburgo, com o nome de *Edificantes Discussões Mensais*.

Assim, quando nos credenciamos para a Pós-Graduação na Área de Jornalismo Comparado na ECA (aliás, somos um dos últimos remanescentes da mesma), nosso intuito era bem outro. Estávamos determinados a verificar se o que se convencionou denominar, nas teorias de comunicação de massa, de “agenda setting” (tão bem trabalhada por Mauro Wolf em seu belo livro) poderia ser aplicado à produção da *Revista USP*. E, além disso, fazer um levantamento das novas fontes (no sentido jornalístico do termo) propiciadas pela *Revista* no curso de sua trajetória.

Como aluno da Pós-Graduação da ECA e em constantes encontros com nosso orientador, Oswaldo Ceschin, mudamos a trajetória de nosso percurso, olhando de novos ângulos nosso objeto de pesquisa, o que culminou, de fato, na Qualificação. A partir daquele momento ficou muito claro para nós que o mais interessante a ser feito seria nos concentrarmos na “história mesma da *Revista*”. Isso porque, além de veículo de prestígio, com características muito particulares, tanto editorial como graficamente falando, para

lograrmos êxito na empreitada estaríamos submetidos a um duplo movimento, ou desafio, uma vez que participamos de sua confecção desde maio de 1989 – ou seja, desde o seu número 2. Assim, todo cuidado de nossa parte seria pouco, uma vez que a busca da impessoalidade era, é imperiosa e, de outro lado, como participantes de seu “fazer diário” há pelo menos 18 anos, não poderíamos nos furtar de, neste trabalho, incluir nossas próprias impressões e observações sobre a *Revista* – ou seja, sem deixar de utilizar nosso olhar “de dentro” da publicação.

Nesse sentido, tivemos que lançar mão de elementos narrativo-descritivos para a elaboração desta dissertação, o que resultou, num certo sentido, num trabalho metalingüístico, uma vez que, dizendo simplificaradamente, “contamos”, como foi e tem sido a vida da *Revista*, desde o momento em que dela começamos a fazer parte – incluía-se aí o trabalho de seu Conselho Editorial, o dia-a-dia da redação e sua inserção, primeiro na antiga Codac (Coordenadoria de Atividades Culturais), e depois na CCS (Coordenadoria de Comunicação Social), órgão central da Reitoria que a abriga.

Para realizarmos o exposto acima, tivemos, antes de tudo, de pesquisar o que tinha sido pensado dentro da USP nesse sentido, isto é, se haveria alguma publicação patrocinada pela Reitoria como representante da Universidade nesse universo amplo de publicações acadêmicas. Sabíamos da existência recente de uma publicação intitulada *Revista da Universidade de São Paulo* – mesmo porque, quando entramos na *Revista* havia vários exemplares seus no Banco de Dados do *Jornal da USP*, que ficava ao lado da antiga redação da *Revista*, no seu início. O que não sabíamos é que ela fora concebida pelo Reitor Miguel Reale, em sua primeira gestão, e que seu número inicial datava de 1950.

Tal revista durou apenas aquela edição. E, viemos a saber durante a pesquisa, que, 36 anos mais tarde, em 1986, a idéia foi retomada pelo Reitor Goldemberg, que a

“ressuscitou” e designou que sua confecção ficasse a cargo da antiga Codac (órgão central da Reitoria, que teve seu nome mudado para Coordenadoria de Comunicação Social em 1991 e que, por sua vez, abrigaria posteriormente a própria *Revista USP*). Até o ano seguinte, 87, essa nova *Revista da Universidade de São Paulo* seria publicada trimestralmente, quando, após a edição de seu número 6, suas atividades foram encerradas.

É a partir de um olhar sobre o que denominamos “pré-história da *Revista*” que damos início a essa dissertação, uma vez que a antiga *Revista da Universidade de São Paulo* foi, na verdade, uma “ancestral” da *Revista USP*.

2. A pré-história da *Revista USP*

Para começarmos a tratar da atual *Revista USP*, criada em 1989, devemos retroceder ao ano de 1950, quando surgiu sua antepassada, a *Revista da Universidade de São Paulo*. Esta proto-*Revista USP* foi idealizada na primeira gestão do Reitor Miguel Reale. Dela sobrou um ou outro exemplar, disperso pela Universidade. Um deles, sem capa, está localizado na biblioteca da Escola de Comunicações e Artes (ECA). Foi a ele que tivemos acesso, após pesquisa no sistema Dédalus, do SIBi-USP. Na página de Sumário, a primeira que se apresenta, lê-se no alto REVISTA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (assim mesmo, em caixa alta), logo a seguir: “Órgão oficial da Reitoria da Universidade de São Paulo”. E abaixo: Ano I, JANEIRO–MARÇO DE 1950, Nº 1.

Transcrevemos sua “Apresentação”, ao que tudo indica redigida pelo próprio Reitor Reale:

A “Revista da Universidade de São Paulo” surge num momento em que os institutos de ensino superior do Estado atingem a sua maturidade para a vida cultural, constituindo um todo que se projeta além dos próprios limites e que se confunde com a vida da comunidade a que pertence.

Apesar de sua curta existência a Universidade de São Paulo já possui considerável acervo de importantes realizações científicas e humanísticas, encontrando-se, atualmente, em fase de plena expansão de suas possibilidades.

É neste momento, pois, que surge a ‘Revista da Universidade de São Paulo’, constituindo o órgão daqueles que estudam e pensam, tendo o pensamento e o estudo como labor tão importante quanto o dos que forjam, nos demais setores de atividade, a grandeza de São Paulo.

Seguindo a tendência da universalização dos conhecimentos, servirá a ‘Revista da Universidade de São Paulo’, (sic) de veículo de cultura entre os institutos de ensino superior e, em plano mais amplo, entre as Universidades do país e do exterior.

Suas páginas estão abertas àqueles que queiram dedicar uma parcela de seus esforços e de sua inteligência à obra de cultura que a Universidade de São Paulo vem realizando.

“Apresentação” e “Sumário” merecem algumas considerações. A primeira delas é a de que a USP, na época, era uma “adolescente” de 16 anos de idade – daí reafirmar o Reitor o alinhamento da instituição “à grandeza de São Paulo”, pois uma das finalidades da criação da USP foi, declaradamente, trabalhar em prol do desenvolvimento do Estado. Um segundo ponto a ser pinçado da “Apresentação” é a seguinte afirmação: “(...) servirá [a revista] de veículo de cultura entre os institutos de ensino superior e, em plano mais amplo, entre as Universidades do país e do exterior (...)”, evidenciando o perfil da publicação voltado para o público de ensino superior, especialmente o uspiano. E ainda a expressão “veículo de cultura” – a princípio excluindo os saberes biológicos e exatos.

Entretanto, o “Sumário” indica uma tendência a permanecer no tempo e que chegou à própria *Revista USP* quando esta se concretizou: multidisciplinaridade e, importante, “miscelânea”. Veja-se: o prof. Reale assinava um artigo sobre a questão da liberdade (a

antiga e a moderna); os profs. Joachim Von Rintelen e Nicola Abbagnano publicavam conferência (respectivamente sobre a “mística da morte e a filosofia contemporânea”, em francês, e “Kierkegaard e as origens do existencialismo”); Fidelino de Figueiredo assinava “Shakespeare e Garrett”; Alice Piffer Cannabrava, um texto quase clarividente sobre a história das técnicas no Brasil – “O emprego do bagaço da cana como combustível dos engenhos”; José Aderaldo Castello estudava o “simbolismo” na literatura; Renato Cirell Czerna escrevia sobre uma interpretação jurídico-filosófica do *Faust*; Aroldo de Azevedo observava o Recôncavo da Bahia (“estudo de geografia regional”); e Pedro de Almeida Moura trazia artigo intitulado “Goethe”. Ou seja, um viés francamente humanístico marca o início da trajetória da proto-*Revista USP*, que só voltará à circulação 36 anos mais tarde.

Durante 36 anos, a *Revista da Universidade de São Paulo* hibernou e só reapareceu em agosto de 1986, sob os auspícios do Reitor José Goldemberg – nesse sentido, seria possível dizer que ela foi “ressuscitada”. No editorial, intitulado “Primeira palavra”, ele dizia o seguinte:

A nova política cultural implantada na Universidade de São Paulo não poderia prescindir de um veículo que estabelecesse uma ligação mais estreita com a Sociedade. Por isso, resolvemos buscar na própria história da USP uma publicação com essas características e encontramos, nos anos 50, o primeiro e único número da *Revista da Universidade de São Paulo*.

Resolvemos dar prosseguimento a este projeto iniciado há mais de três décadas. Com isto, pretendemos deixar claro que o reerguimento que propomos deve também resgatar as nossas raízes.

A *Revista da Universidade de São Paulo* projetará o pensamento acadêmico com o objetivo de influir no debate das grandes questões nacionais. Dará conta das atuais preocupações dos seus especialistas e traduzirá para a coletividade as linhas de pesquisa em desenvolvimento. Cumprindo esses objetivos, ela ocupará um espaço importante no debate estabelecido pelo saber acadêmico no interior de um palco mais amplo. E é nesse palco, constituído por toda a Sociedade, que a produção estimulará essa dinâmica enriquecedora.

Para essa tarefa conto com a participação de toda a Universidade. As respostas aos primeiros convites foram tão imediatas e entusiasmadas que permitem prever, com certeza, a continuidade e o sucesso da Publicação.

Ou seja, em relação ao primeiro volume, a revitalização da publicação se dará a partir de “uma ligação mais estreita com a Sociedade”. Os ventos, nesse sentido, não mudaram daquela época até os dias atuais. Seja *Revista da Universidade de São Paulo*, seja *Revista USP*, a busca de ambos os periódicos se dará por meio de sua inserção na sociedade, a partir da qual a própria Universidade se ergue e a quem deve sua manutenção.

A revista retomada foi lançada em formato livro, com as seguintes medidas: 22,1 x 16,1 cm, e com mancha de 16,9 x 11,3 cm. E é, mesmo, quase um livro, não fosse a diversidade de assuntos que trará. Edição modesta do ponto de vista visual, com projeto gráfico bastante limitado, sua simples aparição, ou reaparição, institucionalmente falando, é importante, a ponto do Reitor Goldemberg propor, já no seu editorial, um duplo movimento: o primeiro, caminhando em direção à sociedade; o segundo, buscando nas “raízes” da própria USP um veículo para a concretização de seu objetivo. Ao relançar a

Revista, depois de quase 40 anos, para participar do “palco mais amplo” – vale dizer, o de participar e “influir no debate das grandes questões nacionais” –, ele já está, de certa forma, prevendo o surgimento da *Revista USP*, que desde seu primeiro número estará voltada para um público maior que aquele de então – além de fazer finca-pé, como se diz, na questão da atualidade (mas isso só se pensará e se conseguirá três anos mais tarde).

O que se nota, a partir do “Sumário” do número 2, é uma preocupação maior com a diversificação dos saberes a serem contemplados na “nova” revista: filosofia do direito, história da ciência no Brasil, história da ciência, arquitetura, física, política científica, entre outros. Mas o mais importante para nossa abordagem está contido no breve texto intitulado “O fio da meada”, assinado por Laurindo Leal Filho, editor adjunto, como consta no “Índice”, à página 3.

Nesse artigo, uma reflexão sobre o que significava para a Universidade a retomada da publicação da *Revista da Universidade de São Paulo*, Leal Filho não apenas concorda com nosso ponto de vista sobre a “adolescência” da USP quando da criação da *Revista*, como vai bem além: “A preocupação dos anos 50 é a preocupação de hoje. Apesar de ter-se tornado adulta, a Universidade não se livrou de seus traumas infantis. A relação com a Sociedade ainda é problemática e as dificuldades para a vivência da interdisciplinaridade são reais.” E vale-se de um texto de Antonio Candido, do ano anterior, para “recordar que a fase adulta mais recente da Universidade não foi um ‘mar de rosas’”. Eis as palavras de Candido: “Aqui e ali, surgem indícios de um fato curioso: quando finalmente a Universidade de São Paulo definiu-se como realidade material, traduzida nas instalações adequadas, e quando, ao mesmo tempo, conseguiu superar o particularismo reinante em muitos dos institutos que a integraram, o vasto conjunto mergulhou na era das crises e das perplexidades agudas”¹

Para Laurindo Leal, “a *Revista da Universidade de São Paulo* não foi testemunha dessa situação. Ela não acompanhou a passagem da USP para a fase adulta. Num esforço de imaginação, tomando nas mãos o primeiro e, até ontem, único número da *Revista*, poderemos avaliar a importância que ela teria, primeiramente atingindo seus objetivos precípuos acima mencionados e, agora, servindo como inestimável documento histórico”. Ele só não poderia antever que, dois anos depois, essa retomada da *Revista* tivesse um fim abrupto. Nem que, como espécie de fênix, a *Revista da Universidade de São Paulo* ressurgisse em 1989, como *Revista USP*, sobrevivendo até os dias atuais.

Pelas palavras de Leal Filho é possível discernir ainda o fato de que uma revista da Universidade era um empenho institucional, contava com total apoio da Reitoria – o que é amplamente confirmado pelo editorial, assinado pelo Reitor Goldemberg. Segundo o que está posto, a “vida acadêmica” da USP deixou de ser auscultada por nada menos de 36 anos – o que é de se lastimar – e ao mesmo tempo chama a atenção para o fato inequívoco da necessidade de uma publicação que atue em, pelo menos, dois sentidos: 1) a necessidade da Universidade de escoamento de seu saber para a Sociedade; 2) a necessidade da Universidade de uma publicação que acompanhe seu próprio ritmo e traga à luz tanto suas conquistas quanto reverbere suas possíveis contradições.

Voltemos ao número 2 da *Revista*. Os autores que aí assinam textos dão uma medida da importância de como ela era vista naquela época: Goffredo da Silva Telles Jr., José Goldemberg, Dalmo de Abreu Dallari, Antônio B. de Ulhôa Cintra, Octavio Ianni, Benedito Lima de Toledo, Sylvio Ferraz de Mello, Carlos Alberto Barbosa Dantas. Constava dela, ainda, uma seção de “Livros: resenhas, indicações e lançamentos da Edusp”, “Dissertações e teses recebidas” e uma “Carta aos Professores”, em que há um convite expresso aos “colegas” para participarem da *Revista*, editada pela Divisão Cultural da

Coordenadoria de Atividades Culturais (Codac), sob cuja guarda estaria ainda a *Revista USP* até 1991, quando então teria sua designação mudada para Coordenadoria de Comunicação Social, CCS-USP – que abriga a *Revista USP* até hoje.

Nessa “Carta aos Professores”, inclusive, consta uma orientação técnica para as colaborações. Por exemplo, “Artigos: máximo de 25 laudas de 20 linhas e 70 toques” – isto é, adota-se a lauda jornalística, uma vez que se trata de uma revista. As “críticas de livros” também têm o olhar voltado para o que se seguia na grande imprensa: “máximo de 5 laudas de 20 linhas e 70 toques” – como foi praxe durante muito tempo na imprensa escrita.

É preciso mencionar, ainda, que, a partir do número 2, ou seja, a partir do momento em que a *Revista* começa a ser editada pela Codac, a publicação passa a ter “Índice e Expediente”, ou seja, lá constam, como na maioria dos órgãos de imprensa: editor responsável, editor adjunto, secretária de redação (que não se confunde com o mesmo cargo na grande imprensa), editor de arte, revisor e capista. Observação nossa: chama a atenção a posição subalterna da figura do revisor que, teórica e praticamente, é o responsável pela qualidade editorial da publicação.

Já no número 3, datado de dezembro de 1986, chama a atenção o extenso editorial intitulado “Carta do Editor” que, além de reafirmar os princípios norteadores da *Revista*, ou seja, “servir como veículo de ligação entre a Universidade e a sociedade, projetando o pensamento acadêmico para influir nas grandes questões nacionais”, explica sucintamente cada um dos textos publicados. Interessante notar que “Índice e Expediente” vêm pospostos ao editorial (“Carta ao Leitor”) – este nas páginas de 1 a 4, aquele nas páginas 5 e 6. E também que deste volume conste um poema (“Cabeça de uma Adolescente”, de Marcelo de Almeida Toledo), ilustrado – sobre essa colaboração, um equívoco: na ficha bibliográfica do poema está que ele ocupa as páginas 157 a 169, quando na realidade é de 157 a 159.

Deste número participam: Carlos Guilherme Mota, Henrique Rattner, Aziz Ab'Saber, Miguel Reale, João Haikal Helou, Orlando Marques de Paiva, José Carlos Garbuglio, Maria Regina Simões de Paula e o já mencionado Marcelo de Almeida Toledo.

Por que chamamos a atenção para o poema de Toledo? Para observar os limites imprecisos do projeto editorial da *Revista* naquele início, uma vez que tal matéria é a única a não ser referida na “Carta do Editor”.

Passemos ao quarto número, com 156 páginas de miolo. A exemplo do número anterior, poucas fotos e estatísticas como ilustração. Mas já poderíamos supor que a *Revista da Universidade de São Paulo* caminha. O número 2 se dá em agosto de 1986, o 3º em dezembro do mesmo ano e este, de março de 1987, indica um investimento institucional importante nessa publicação. Tanto isso é verdade que, no número seguinte, de junho de 1987, as linhas finais da “Carta do Editor” mencionam que a *Revista* “passa a contar com assinatura anual”.

Um certo padrão editorial, iniciado no primeiro número, de 1950, aqui continua a prevalecer: compõem a *Revista* oito artigos assinados. Os temas propostos continuam variados: a reforma da Universidade, educação, humanidades e contexto tecnológico, antropologia, astronomia, entre outros. Assinam os artigos: Eunice R. Durham, José Carlos Sebe Bom Meihy, Rachel Lea Rosenberg, Franklin Leopoldo e Silva, Cristovam Buarque, Jaswan Raí Mahajan, Luiz Bernardo F. Clauset e Renate B. Viertler. Há ainda a seção “Livros”, noticiando os lançamentos da Edusp, e “Dissertações e teses recebidas”. Ou seja, a busca da chamada “interdisciplinaridade” é mantida e várias áreas do saber continuam contempladas.

Nesse instante, em que a *Revista da Universidade de São Paulo* completa o terceiro número de sua reaparição, seria possível sentir uma certa preocupação com sua

continuidade? A pergunta cabe, na medida em que todo jornalista, esteja ele na imprensa privada ou acadêmica, conhece ou já sentiu o que se denominou chamar de “síndrome do terceiro número”. Ou seja, aquela antiga idéia de que, se uma revista supera a marca de três aparições, ela terá um “futuro” pela frente. Isso acontece em qualquer lugar, seja na iniciativa privada, seja no âmbito acadêmico. A *Revista* não deve ter ficado imune a certa ansiedade ao lançar seu quarto exemplar, pelo fato simples de que nenhum produto cultural, na verdade, está livre disso.

O que se vê a seguir, e já anteriormente aqui exposto, é que não somente a “síndrome do terceiro número” ficou para trás, como o quinto número da *Revista* vai além. Pela primeira vez estampando seu próprio preço na capa (CZ\$ 50,00), surge a notícia, em “Carta ao Leitor”, de que ela acaba de lançar assinatura anual, além de mencionar que, a partir de então, seriam introduzidas algumas alterações “de caráter editorial”. Isso é o que traz o número 5, de junho de 1987. Podemos dizer que as alterações não se restringem apenas ao plano editorial, mas ainda ao próprio projeto gráfico da *Revista*, que se manifesta já na capa. Aí, na “vitrine” da *Revista*, saem de cena os nomes dos autores que colaboram no número, substituídos por temas julgados os mais relevantes do ponto de vista editorial. São quatro ao todo: “A Inquisição em Portugal”, “Ensino de massa e ensino de elite”, “Influência da arquitetura brasileira na África” e “A Modernidade segundo Walter Benjamin”. Se as dimensões físicas da *Revista* continuam as mesmas, a mancha, por sua vez, se expande. Ela agora é de 18,0 x 11,3 cm. A presença de um número maior de fotos e de ilustrações mostra também um maior cuidado com a edição.

Outro dado interessante, já do ponto de vista editorial, é que, apesar do miolo de 152 páginas, ela estampa 11 textos, e não mais 8, como nos números anteriores. Tal fato pode significar que a *Revista* se robustecia e precisava dar vazão ao material que, agora,

chegava em maior quantidade. O que se sustenta, ao lermos na página 151 que o “texto final não deverá exceder o total de quinze laudas de vinte linhas” do gabarito a que se refere – gabarito rígido quanto às dimensões e a tratar de “abstracts” e “resumos”.

Quanto às chamadas de capa, merece observação o fato de que todos os escolhidos provêm das humanidades. Com efeito, dos 11 artigos, apenas um foge dessa área do saber (“Insalubridade: ainda um desafio”, de Diogo Pupo Moreno e Jorge da Rocha Gomes) e o outro, assinado pelo Reitor Goldemberg e Elisa Wolynec (“Comentário: Ensino de massa e ensino de elite”), não deixa de ter como tema a “educação”. Outro ponto distintivo na publicação é a entrevista de Charles Wagley, por José Carlos Sebe Bom Meihy, em coluna dupla – duas inovações, portanto, num mesmo material: a primeira, editorial, a segunda, de caráter gráfico.

Seria conveniente lembrar outro aspecto que marca essa curta trajetória da *Revista*. É de cunho editorial e trata da seção “Livros”. Um dos problemas que a publicação parece ter enfrentado é o fato de que no número 2 ela apresenta resenhas curtas de alguns lançamentos editoriais – além da notícia dos títulos lançados pela Edusp naquele período. Pois bem, as resenhas só retornarão às páginas da *Revista* no número 5, passando 3 e 4 em branco. Se levarmos em conta que o periódico se enriqueceu editorial e graficamente a partir do quinto volume, a ponto de, neste, se oferecer assinatura anual, fica clara alguma indecisão, naquele período, quanto a certa ondulação editorial da publicação. O surpreendente é que, após um princípio que levava a crer em um esforço de continuidade de fôlego, a *Revista da Universidade de São Paulo* desaparece no número seguinte.

É fato consumado que o mais importante numa publicação é a sua periodicidade. O número 2, de 1950, indicava uma trimestralidade (janeiro–março). Há um intervalo de quatro meses entre o 3 (agosto de 1986) e o 4 (dezembro de 1986). Nos dois exemplares

seguintes será mantida a trimestralidade. E aqui um parêntese, pois não nos foi possível descobrir se os meses estampados na capa corresponderam efetivamente ao momento em que as revistas foram publicadas. De todo modo, observando-se outro aspecto, já na capa do número 6 notamos de imediato três modificações que saltam aos olhos: a primeira diz respeito à sua periodicidade (julho–setembro, 1987), pela primeira vez bem definida nessa fase; a segunda diz respeito ao preço do volume (Cz\$ 70,00, contra os Cz\$ 50,00 do número anterior); e, finalmente, a chamada de capa, reduzida a um só tema: “Os poderes na Constituição da República”.

Observando o “Expediente”, à página 2, vemos que a *Revista* tem agora um Diretor, um Editor Acadêmico e um Conselho Editorial, cujos componentes relacionamos: Antonio Galvão Novaes, Gabriel Cohn, José Carlos Garbuglio, Laurindo Leal Filho, Luis Carlos Torcato, Núbio Negrão e Renato Janine Ribeiro. Ou seja, a publicação se estabelece como um periódico acadêmico verdadeiramente. Mantém-se a “Carta ao Leitor”, assinada pelo editor acadêmico, Renato Janine Ribeiro. Esse texto explicitará ao leitor o que ele deverá, do ponto de vista editorial, esperar da *Revista da Universidade de São Paulo*. Transcrevemos um fragmento do seu primeiro parágrafo: “Com este número, o primeiro elaborado a partir de discussão por uma Comissão de Publicações, a *Revista da Universidade de São Paulo* muda de perfil – e passa a concentrar seus artigos em torno de um tema, o que dará unidade a cada uma de suas edições, e favorecerá o debate de idéias.”

Naquele momento, ainda não se sabia, mas estava lançado o gérmen do carro-chefe de sua sucessora. O que Janine define como “concentrar a maior parte de seus artigos em torno de um tema”, logo mais adiante, num futuro próximo, será denominado “dossiê”. Assim, a partir do número 6, a *Revista* passará a ser *temática* – o que ocorrerá, desde o início, com a publicação posterior. O tema da edição é a Constituição, que viria a ser

promulgada no ano seguinte, como se sabe. Colaboravam aí os seguintes autores: José Eduardo Faria, Maria Victoria Benevides, Renato Janine Ribeiro, Bolívar Lamounier, Fábio Konder Comparato, Irene de Arruda Ribeiro Cardoso, Marta Maria Chagas de Carvalho, José Goldemberg, Renate Brigitte Viertler (texto de caráter antropológico, é o único a não tratar do tema de capa), José Alvaro Moisés e Olgária Chain Matos.

A seção “Livros” compõe-se de duas resenhas, mais os lançamentos de livros da Edusp – sejam eles em co-edição ou não. A página 142 é destinada aos endereços das livrarias da editora no campus da capital e nos campi do interior. Nas “Instruções para a apresentação de trabalhos para a *Revista da Universidade de São Paulo*” (pág. 143), algumas novas explicitações, entre elas a respeito de abstract e resumo (“todo artigo deverá ser precedido por um breve resumo em português e outro em inglês”). E uma nota, no rodapé, observa o seguinte: “Os artigos para publicação, quando não previamente solicitados, serão submetidos à apreciação de um especialista” – o que revela um maior rigor e cuidado com o material a ser publicado.

Para finalizarmos esta breve apresentação da antecessora da *Revista USP*, é possível dizer que o final súbito da publicação é, no mínimo, curioso, quando não intrigante. O fechamento de suas portas acontece num momento em que a publicação emitia claramente sinais de que, a partir daquele momento, estava preparada para prosseguir vôo de fato. Era executada na então Codac, que por sua vez possuía uma Divisão de Publicações Técnicas, com profissionais da área jornalística: Serviço de Diagramação e Arte-Final, Serviço de Criação, Serviço de Revisão. Além disso, a Codac contava com uma divisão de Artes Gráficas, ou seja, a revista era aí também impressa, desde o reinício de suas atividades, em 1986.

Não é nosso intuito averiguar o que pode ter contribuído para a solução de continuidade da *Revista da Universidade de São Paulo* – mesmo porque nosso objetivo é traçar a história, ou uma história, da *Revista USP*. Acreditamos mesmo que a *Revista da Universidade de São Paulo* continua a merecer um estudo detalhado, uma vez que se tornou embrião de um projeto de maior envergadura da Universidade, que subsiste e cresce, a cada número, desde sua criação, em 1989, até os nossos dias. De qualquer forma, é importante assinalar que a *Revista da Universidade de São Paulo*, de certa forma, ajudou no estabelecimento da nova publicação, que é nosso alvo aqui. Ela, desde o início distante, contou com colaboradores de alto coturno e tratou, enquanto sobreviveu, de assuntos importantes e pertinentes tanto à vida acadêmica quanto à social. Para o momento, o que importa é que ela deu ensejo a um projeto maior que, por sua vez, também teve que se consolidar. E, já podemos afirmar, tanto o início quanto a consolidação da *Revista USP* estiveram atrelados a vários fatores. Um deles, de grande importância, foi a atuação de um forte Conselho Editorial. É sobre o Conselho da *Revista USP* que passamos a tratar no próximo capítulo.

Nota

1. Souza, Antonio Candido de Mello e. “Corpo e alma da Universidade”. In: *O espaço da USP: presente e futuro*. São Paulo, Prefeitura da Cidade Universitária, 1985

3. O Conselho Editorial da *Revista USP*

3.1. O primeiro Conselho

No capítulo anterior, observamos de forma sucinta a vida da *Revista da Universidade de São Paulo*, antecessora da *Revista USP*. Finalizamos dizendo que um dos fatores determinantes da implantação da nova publicação – e, mais do que isso, sua manutenção – foi o notável trabalho do seu Conselho Editorial. Neste capítulo, trataremos privilegiadamente do que chamaremos “primeiro Conselho”, aquele responsável pela idealização, implantação e, posteriormente, pela manutenção de fato da *Revista*. Nem por isso, deixaremos de dar atenção aos conselhos que se seguiram, uma vez que todos os membros que por ele passaram, e que o compõem na atualidade, tiveram, e têm, enorme influência, como não poderia deixar de ser, nos rumos e caminhos da *Revista USP* – temos mesmo para nós que não poderia ser distinta a participação de cada um dos membros do Conselho Editorial, dado o cabedal intelectual de cada um e a presteza com que todos abraçaram a “causa” da *Revista*. Estamos aqui apenas dizendo que, pelo trabalho desbravador dos primeiros tempos da publicação, o primeiro momento do Conselho – que se deu de meados de 1988 até fins de 1994, com as saídas de Décio de Almeida Prado, Boris Schnaiderman, Fernando de Castro Reinach e Regina Meyer, formadores da “coluna dorsal” da *Revista* (Henrique Fleming, Celso Lafer e Renato Janine Ribeiro também podem ser mencionados) naquele período – merece uma maior atenção.

E, para tratarmos do Conselho Editorial da *Revista*, é preciso antes mencionar a atuação do antigo Conselho Cultural, quando a Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) era ainda Codac (Coordenadoria de Atividades Culturais), nos idos de 1988. Tal Conselho, também criado pelo Reitor Goldemberg, não se confunde com aquele visto no Expediente do número 6 da extinta *Revista da Universidade de São Paulo*. A portaria que normatizou tal conselho foi a de nº 2.350, de 4 de maio de 1988, e o intitulava simplesmente Conselho Cultural. Seus membros, nomeados pela portaria 590, de 5 de maio do mesmo ano, eram os seguintes docentes: Boris Schnaiderman, Décio de Almeida Prado, José Arthur Giannotti, Modesto Souza Barros Carvalhosa, Regina M. Prosperi Meyer, Ruth Cardoso, Sábato Antonio Magaldi e o maestro Júlio Medaglia.

No inciso III do Artigo 3º desta última portaria (“Ao Conselho Cultural compete”) lê-se: “Sugerir à Coordenadoria a adoção de programações e atividades, no seu campo de atuação.” Nessa mesma portaria está posto (Artigo 4º) que os membros do Conselho Cultural elegerão seu Coordenador. Como é sabido, Décio de Almeida Prado foi eleito coordenador, e a possibilidade de implementação de uma revista, já a partir daquela portaria, era algo concreto. Tanto assim que o Projeto Editorial da *Revista USP*, aprovado pelo Conselho Cultural, está assinado pelo primeiro editor da *Revista*, Nelson Ascher, e datado de agosto de 1988. Em 27 de setembro daquele ano, eram nomeados mais três conselheiros para compô-lo: os professores Fernando de Castro Reinach, Henrique Fleming e Carlos Alberto Barbosa Dantas.

Em uma carta ao Reitor Goldemberg, assinada por Almeida Prado, em 25 de outubro daquele ano, surge o primeiro registro burocrático para o estabelecimento de um conselho editorial da *Revista*. Décio indicava para dele fazer parte: Boris Schnaiderman, Regina Meyer, Fernando Reinach e Henrique Fleming, além de si mesmo. No ano seguinte,

conforme ata de reunião, Décio de Almeida Prado sugeriria que todos os membros do Conselho Cultural figurassem também no Conselho Editorial da *Revista USP*.

Deixemos por um momento de lado o Conselho Cultural e focalizemos nosso olhar no empreendimento jornalístico-universitário que viria à luz no trimestre de março–maio de 1989. Parece-nos claro que o Conselho Cultural já havia nomeado Décio como coordenador não apenas por ser o professor mais antigo do grupo e pela sua destacada atuação como crítico teatral, mas ainda por um terceiro aspecto que o distinguia dos demais. Ou seja, durante quase uma década, nos anos 50 e 60 do século passado, Décio editara o “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de S. Paulo*, não só o de maior prestígio de sua época, como ainda paradigma dos cadernos culturais, mesmo diários, da imprensa escrita durante vários e vários anos neste país. Décio era não apenas o crítico aguardado em cada estréia teatral por atores e dramaturgos, mas, além de grande professor e pesquisador, um homem também de redação de jornal. A tarefa de coordenar os trabalhos de uma revista – sua última empreitada dentro da Universidade – não lhe era alheia, de forma alguma. Décio era a pessoa, ali, que sabia trabalhar e discernir os problemas nas duas esferas, tanto a acadêmica como a editorial, com muita desenvoltura.

De volta ao Conselho Cultural, seu trabalho foi desenvolvido paralelamente ao do Conselho Editorial da *Revista* até que ele fosse extinto – pela Portaria nº 2.544, de 2 de fevereiro de 1990, pelo Reitor Lobo e Silva Filho. Nesse período, ao Conselho da *Revista* foram incorporados Modesto Carvalhosa e Julio Medaglia, que dele se afastariam em agosto daquele ano.

Cabe aqui um pequeno parêntese. O início de nossas atividades na *Revista*, primeiro como editor-assistente, depois como editor-executivo e, finalmente, como editor da *Revista USP*, deu-se em maio de 1989 e lembramo-nos de que, àquela altura, participávamos das

reuniões do Conselho enquanto havia assuntos referentes à *Revista* a tratar. Após o que, retirávamo-nos da sala e o Conselho passava a deliberar sobre as questões concernentes à Coordenadoria, ou seja, “voltava” a ser Conselho Cultural. Tal estado de coisas deu-se, como dissemos acima, até 1990, quando o Conselho Cultural foi extinto e os conselheiros preferiram concentrar seu foco de atuação na direção editorial da *Revista*. Tal procedimento, como se vê de hoje, olhando para aqueles dias, foi uma decisão acertada e fundamental para a, primeiro, implementação do projeto da *Revista USP* e, segundo, para a sua manutenção como publicação universitária de envergadura.

Se o Conselho Editorial da *Revista* funcionava de fato desde meados de 1988, ele só foi criado oficialmente, com os trabalhos em andamento. Reproduzimos a portaria que o criou:

“PORTARIA GR Nº 2.620, DE 24 DE SETEMBRO DE 1990.

Dispõe sobre a criação do Conselho Editorial da Revista da USP (*sic*).

O REITOR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, usando de suas atribuições legais, baixa a seguinte

PORTARIA:

Artigo 1º - Fica criado, junto ao Gabinete do Reitor, o Conselho Editorial da Revista da USP (*sic*).

Artigo 2º - Os membros serão designados por Ato do Reitor, que escolherá dentre eles o seu presidente.

Artigo 3º - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

Reitoria da Universidade de São Paulo, 24 de setembro de 1990.

ROBERTO LEAL LOBO E SILVA FILHO

Reitor”

Ato contínuo, o Reitor Lobo e Silva Filho nomeava para compô-lo os docentes Décio de Almeida Prado (presidente), Boris Schnaiderman, Celso Lafer, Fernando de Castro Reinach, Henrique Fleming, Regina Maria Prosperi Meyer e Renato Janine Ribeiro. Assim começou a vida oficial do Conselho Editorial da *Revista USP* e, neste ponto, tomamos a liberdade de tecer algumas observações sobre suas atividades naqueles dias, uma vez que deles fomos testemunhas oculares.

Como dissemos, o início de nossa atividade como editor-assistente da *Revista* deu-se em maio de 1989. Àquela altura, a *Revista* já tinha dado seu primeiro passo. Referente aos meses de março–maio de 1989, publicara-se o primeiro número, cujo tema do dossiê era “Revolução Francesa”. Comentavam-se na época, pelos corredores do prédio da Antiga Reitoria, onde funcionava e funciona a *Revista*, os percalços por que passara até sua aparição. Dizia-se que tinham sido necessários vários meses de trabalho até sua publicação e que, inclusive, o próprio Conselho teria, certa vez, ido à gráfica da Codac para decidir sobre a cor da capa – o projeto de capa, que seria utilizado do número 1 ao 14, foi projeto da designer gráfica e poeta visual Lenora de Barros.

Convidados pelo editor Nelson Ascher, viemos para fazer, em jargão jornalístico, o “fechamento” da *Revista*, ou seja, para fazer cumprir o cronograma, ou, em termos crus, “colocá-la na rua”. Nada sabíamos da epopéia do primeiro número – as informações só chegariam aos poucos, com tempo de casa e o envolvimento na tarefa.

Naquela época, o Conselho (Cultural/Editorial) reunia-se religiosamente todas as terças-feiras, das 14h30 às 16–17h – conforme a pauta do dia –, na sala do Coordenador da Codac, Mario Fannucchi, no 5º andar da Antiga Reitoria – o que continuou acontecendo até a saída de Décio. Hoje vemos que aquele ritmo espartano auto-imposto pelo Conselho foi justamente o que permitiu que o projeto da *Revista USP*, como um todo, num primeiro momento a alicerçasse e, depois, a mantivesse ativa, sem sofrer solução de continuidade, como ocorrera com sua antecessora – com produção viva e atuante. Seu processo de trabalho semanal era febril, por um lado, com a contínua discussão de temas a serem contemplados nos dossiês – que marcariam e marcam a vida da *Revista* –, autores convidados para esse ou aquele número e, por outro, já naquela época, com uma enorme quantidade de artigos que chegavam espontaneamente e que, muitas vezes, esperavam “na fila” até serem publicados, ou mesmo recusados, após passarem pelo crivo do Conselho.

Em *Décio de Almeida Prado – Um Homem de Teatro*¹ para o qual contribuímos com um depoimento, contamos algumas de nossas dificuldades quanto ao trabalho que tínhamos abraçado. Vale a pena lembrar pelo menos algumas delas. A primeira tinha a ver com os famosos “prazos” ou “deadlines”. Tendo já trabalhado na grande imprensa, diária e mensal, no início sofremos bastante com o “tempo da Academia”. É mais do que sabido que o ritmo de um jornal diário impresso é uma coisa e o de uma publicação acadêmica é bem outro. Aqui, podemos ilustrá-lo.

Sendo a *Revista* trimestral desde seu número primeiro, e o Conselho se encontrando todas as semanas, no início de sua trajetória aconteciam nada menos que 12 reuniões para a saída de cada exemplar. Na imprensa escrita diária, acontece o inverso: há, normalmente, uma reunião de pauta pela manhã e sua execução ao longo do dia, num ritmo que todos aqueles que passaram, e passam, pelas redações dos grandes jornais sabem ser, no mais das

vezes, efervescente – o “deadline” de cada editoria é cumprido escrupulosamente e, haja o que houver, o jornal tem de estar nas bancas no dia seguinte, chova ou faça sol. O mesmo acontece com as publicações semanais ou mensais na esfera privada.

O que acaba de ser dito não constitui novidade alguma para qualquer leitor mais ou menos bem informado – seria estranhíssimo se o(a) assinante desse ou daquele jornal ou revista deixasse de recebê-lo(a) pela manhã em sua casa ou no fim-de-semana por atraso de fechamento da edição. Mas o que queremos dizer com isso? O simples fato de que o tempo acadêmico, previsivelmente, é mais lento, bem mais lento. O que também não é nenhuma novidade, uma vez que trabalha em outro nível de competência. No nosso caso, a novidade foi nos depararmos com esse “tempo” e operarmos, trabalharmos, em consonância com ele.

As reuniões semanais do Conselho da *Revista*, a partir do exposto acima, mereceriam, por si só, um capítulo – e alentado, mas esse não é o nosso propósito aqui. Como dizíamos, todas as terças-feiras saíamos do segundo andar, onde funcionava a redação da *Revista*, e subíamos para a reunião do Conselho. Salvo raras exceções, era um grupo que se pautava pela pontualidade – cada falta era comunicada com antecedência ou à redação ou ao próprio Decio. Almeida Prado, normalmente, era o primeiro a chegar e, quando entrávamos na sala, lá estava ele conversando com o Coordenador ou com esse ou aquele conselheiro. Todos presentes, dava-se início à reunião – e, em muitas ocasiões, à nossa ansiedade.

Para nosso espanto, nunca se ia diretamente ao ponto, a conversa começava normalmente amena – era sempre muito agradável. Falava-se da estréia de algum espetáculo, discutia-se um novo ou antigo filme. Falava-se de arte, de literatura, de crítica literária, de ciências, de futebol, de religião, de política. Quanto tempo durava esse “prólogo”? Um bom tempo. Tempo suficiente para nos deixar temerosos pelo resultado do

encontro. Temas para o dossiê? Nomes para escreverem sobre ele? Ora, fazíamos uma revista, mas o que percebíamos insistentemente – e não poderia ser diferente – era que fazíamos uma revista na Academia – e a Academia, sabe-se à exaustão, tem seus rituais.

Como dissemos, longe de serem encontros protocolares, o clima de harmonia do Conselho foi mesmo um dos fatores que levaram a empreitada ao sucesso. Eram realmente reuniões tão boas que Henrique Fleming, por exemplo, ao deixar o Conselho, em agosto de 1991, mencionou-as claramente em sua carta de despedida: “Poucas missões me enriqueceram tanto, e me causaram satisfação semelhante. Agora outras atividades reclamam muito de meu tempo, e se tornou difícil dispor de uma tarde por semana, que é o severo, mas indispensável, cronograma de trabalho do Conselho” (Processo USP 91.1.43586.1.8, pág. 7).

Mas o fato é que, até o assunto “edição” entrar decisivamente em cena, ficávamos em constante alerta. Chegava-se, por consenso, a um determinado tema. Era um avanço. Mas quem escreveria sobre o mesmo? Listavam-se nomes possíveis para tais e tais assuntos. E aí ocorria outro fato curioso, pois um ou outro conselheiro encarregava-se de fazer o primeiro contato e o conseqüente convite – diga-se aqui, uma das grandes virtudes do Conselho sempre foi, e tem sido, contatar, através de seus membros, os colaboradores mais “difíceis”. Mas, enfim, a resposta só viria na semana seguinte. Definia-se o prazo para a entrega de artigos. Mas aí tinha início outra questão: o cumprimento do prazo.

Explicamos: o prazo estava dado, mas o tempo acadêmico é outro. Esse tempo, no começo, tivemos que suportar e, depois, com o passar do tempo, a ele nos acostumar. Lidar com os atrasos dos autores é, na verdade, um treinamento que exercitamos ainda hoje, lá se vão 18 anos. (Aqui, outro parêntese, pois na data de entrega de textos de uma edição, se tivermos 50% ou 60% dos textos na redação, haverá motivo de júbilo. A questão é tão

interessante, que há autores que mandam a colaboração muito antes do prazo, aqueles que o fazem na data estrita e, vários, que inevitavelmente pedem uma prorrogação do mesmo prazo, por isso ou aquilo.)

Naquele início, não nos conformávamos com atrasos, não conseguíamos nos habituar. A nosso ver, se o artigo de um autor não chegasse no dia marcado, deveria ser sumariamente excluído do número – o que equivale dizer, do dossiê. Não pensava, em absoluto, da mesma forma o Conselho: o texto em questão era importante, ou era importante ter “aquele” autor “naquele” volume. Nós nos rebelávamos contra o fato, brandíamos que os prazos ficariam comprometidos, que a qualidade da preparação do volume poderia decair, que havia dia marcado para a *Revista* entrar em gráfica. Argumentávamos e insistíamos até que a questão, por fim, era votada. O resultado era normalmente acachapante: 9 a 1, 8 a 2 – a redação era derrotada sem piedade. Para nosso desconsolo, então, esperávamos o texto uma, duas semanas, um mês (!). E mal sabíamos que mesmo muito depois, nos dias correntes, sofreríamos – como sofremos – com o mesmo problema. Em compensação, aprendemos, durante todo esse tempo na *Revista*, a ter um pouco de paciência quanto à entrega de textos solicitados – e, mais proximamente, com a burocracia, uma vez que atualmente a *Revista* é impressa fora.

Se os prazos sempre foram, e são, uma das grandes questões no funcionamento da *Revista* – como de qualquer órgão de imprensa, seja privado, seja acadêmico –, teve razão duplamente Henrique Fleming em sua carta de demissão, enviada ao Reitor Lobo e Silva Filho. Tanto no que diz respeito à satisfação quanto ao regime espartano adotado pelos membros do Conselho Editorial. Em ambas vemos o dedo de Décio de Almeida Prado, pois ele, como toda pessoa que trabalhou na imprensa, sabia que para a *Revista USP* “vingar”,

seria exigido um grande esforço daquele grupo de conselheiros. Décio já havia se aposentado quando arregaçou as mangas para pôr de pé a *Revista*.

Ele sabia com muita clareza, por sua experiência no *Estadão*, que o grande problema de um periódico, qualquer periódico, não é simplesmente ser lançado – observação nossa: quantas publicações são iniciadas anualmente e quantas delas sobrevivem? Com sua experiência, ele avaliava certamente que o grande desafio da tarefa consistiria na manutenção da *Revista*, o que só se daria se, no mínimo, ela se mantivesse num alto patamar editorial. Daí os encontros semanais, que fortaleceram e alicerçaram a vida da *Revista* até o ponto em que ele teve a convicção de que a publicação era um projeto consolidado dentro da Universidade e uma conquista uspiana – num editorial da *Folha de S.Paulo*, de 10 de novembro de 1992, em que se fazia um balanço da gestão do Reitor Goldemberg, a *Revista USP* foi mencionada como uma das “idéias bem-sucedidas” do período.

Até esse ponto ser alcançado – Décio esteve à frente do Conselho de 1988 a novembro de 1993 –, havia um trabalho árduo e ininterrupto a ser realizado. Mencionamos acima “patamar editorial”, uma vez que ele não se ocupava da questão gráfica, que deixava a cargo de Regina Meyer – oriunda da FAU, Décio confiava plenamente em suas avaliações.

Para o bem, e sorte, da Academia, o Reitor Goldemberg escolhera o homem certo para a tarefa, pois Décio, além de dispor de elevado aparato teórico e técnico, sabia conjugar um tremendo bom humor a uma rara capacidade de trabalho. Estava sempre pronto a contar, ou ouvir, uma anedota relacionada ao que se discutia e sabia, ao mesmo tempo, ser muito firme quando julgava necessário. As pessoas que o conheceram – seus alunos, colegas, amigos – sabem que Décio era, antes de tudo, um cavalheiro.

As reuniões semanais, mesmo as mais cansativas, a que ele chegava apoiado na sua bengala, não tiravam em absoluto Décio do sério. Ele se sentava à cabeceira da mesa e costumeiramente deixava a conversa fluir – e ela fluía com muita facilidade, dada a relação de simpatia entre as pessoas – até o ponto em que ameaçava extrapolar e Décio achava que devia pôr ordem na casa. Com um “bom, vamos voltar ao assunto”, as questões principais eram retomadas. Quem o secundava na tarefa, de forma informal, era Boris Schnaiderman, pessoa, como se sabe, de saber enciclopédico e também muito bem-humorada – no final deste capítulo faremos uma relação de todos os conselheiros da *Revista*, do número 1 até o presente, mas aqui trataremos apenas de Décio e Boris, por simbolizarem mais fortemente o espírito do Conselho naquele início de atividade da *Revista*.

Lembramo-nos de que Boris era de muito ouvir e opinar ou interferir nas discussões na hora certa. Era também um incansável “captador” de artigos – era raro o encontro em que ele não trouxesse algum texto que, normalmente, seria publicado na seção “Textos” da *Revista*. Como se sabe, uma de suas qualidades é a modéstia: sempre que apresentava algum material para publicação, ele pedia para qualquer outro membro avaliar se aquilo que trouxera era realmente bom ou se ele estava equivocado. Nesse ponto, Décio, que o conhecia de longa data, sempre dizia mais ou menos o seguinte: “se você já o avaliou, Boris, não há por que não o publicarmos”.

É possível dizer, ainda, que a *Revista* não esteve imune à famigerada “síndrome do número 3”. Discorrendo brevemente sobre essa questão, se entre nós que executávamos a *Revista* havia, sim, essa preocupação, acreditamos que para o Conselho tal situação era mais complexa, talvez devido ao que ocorrera com a *Revista da Universidade de São Paulo*, que sofrera um final abrupto. Acreditamos que Décio e o grupo – que foi

naturalmente se renovando – sabiam ser necessário um esforço prolongado, constante, para o projeto não “gorar”.

Tal esforço foi praticado em toda a sua extensão por aquele primeiro grupo de conselheiros. Consultando as atas disponíveis das reuniões do Conselho no ano de 1989 – não foram localizadas as do ano anterior, somente três de 1990, nenhuma referente aos anos de 91 e 92, havendo abundante material que cobrem os anos de 93 a 96 –, é possível avaliar a quantidade e a qualidade de material produzido por aquele Conselho. Olhando da perspectiva de hoje, podemos, sem risco de sermos banais ou levianos, chamar aquele início de “tempos heróicos da *Revista*”.

Um exemplo é o número 3, relativo a setembro-novembro de 1989. O tema do dossiê era “100 Anos de República” e Décio, mesmo que não desse muita atenção à parte iconográfica dos volumes, sensibilizou-se com nossa dificuldade para ilustrar o dossiê. Certa tarde, ele surgiu com uma coleção quase completa da famosa *Revista Ilustrada*, editada pelo impagável Ângelo Agostini, uma raridade que mantinha em sua biblioteca. Ele nos disse que poderíamos utilizar o material como bem entendêssemos. O resultado foi excelente – a vinheta das páginas de abertura dos artigos do dossiê, por exemplo, era um divertido bico de pena de Agostini, bem ao estilo daquela publicação, com uma caricatura do Visconde de Ouro Preto, “monarquista convicto”, com o nariz dentro de uma urna, com a legenda: “Urn misteriosa, que terás no seu bojo?” Aquela foi a única edição da *Revista USP*, que à época ainda não contava com editor de arte, em que foi utilizado, com sucesso, quase exclusivamente o recurso da cópia xerográfica. Ainda hoje esse número nos chama a atenção. Se o resultado foi ótimo, o mesmo não se pôde dizer dos exemplares centenários, que de tanto manuseio retornaram em pandarecos às mãos de Décio – que nunca fez qualquer comentário sobre o fato; ele era mesmo um cavalheiro.

É conveniente também lembrar que desde o começo foi prática do Conselho delegar a esse ou àquele membro a coordenação de dossiês – prática que se mantém até hoje, com resultados muito positivos. Se, por um lado, a multidisciplinaridade era sempre meta a ser conquistada, dado o caráter de cada tema, o especialista da área afim no Conselho era, obviamente, mais ouvido – ou então abraçava a coordenação mesma do dossiê. O primeiro caso de uma série que se estende até hoje foi o dossiê “Cidades”, organizado por Regina Meyer (nº 5, março–maio/1990).

Tratamos, até aqui, da implantação da *Revista USP* buscando caracterizar a atuação de seu “primeiro” Conselho Editorial – usamos aspas, uma vez que houve a entrada e a saída de alguns conselheiros, mas a sua “coluna vertebral” se manteve. Isto posto, com quatro anos de existência e com a reputação da *Revista* já firmada dentro e fora da Universidade, Décio de Almeida Prado julgou que sua tarefa estava cumprida – desde o número 7, dossiê “Tecnologias” (setembro–novembro/1990), a *Revista* contava com assinatura anual. A idealização da Reitoria havia sido concretizada, ou seja, a proposta de uma revista oficial, que representasse a USP, estava implementada e alicerçada na Coordenadoria de Comunicação Social (CCS).

Houve contratempos, evidentemente, quando, por exemplo, por volta de 90 ou 91, foi iniciado um certo movimento para que a *Revista* fosse transferida da CCS para a alçada da Edusp, fato que contrariou a maioria dos conselheiros (lembramo-nos claramente de que, na ocasião, Boris Schnaiderman ameaçou pôr seu cargo à disposição caso a mudança se efetivasse). E ainda percalços, como o ocorrido no número 10, dossiê “Glasnost/Cultura” (junho–agosto/1991), quando se publicou o artigo do professor Thomas Maack, do Departamento de Fisiologia do Cornell University Medical College de Nova York,

intitulado “Casa de Arnaldo, ‘circa’ 1964 – Considerações pessoais sobre a repressão interna na Faculdade de Medicina na USP no ano do Golpe Militar” (págs. 121–134). O Conselho julgou por bem publicar o artigo e, para surpresa geral, o texto vazou para a grande imprensa, com direito a chamada de capa na edição dominical da *Folha de S.Paulo* e matéria de duas páginas na *Veja*. A situação chegou ao ponto de o Conselho Editorial reunir-se com o Reitor Lobo e Silva Filho para a aprovação da publicação do artigo.² Tal material saiu à luz ao lado de três respostas a ele no mesmo número. Por ter sido um caso único e inédito na história da *Revista*, registramos aqui a “Nota prévia” do Conselho (pág. 120) ao artigo:

“Com relação ao artigo “Casa de Arnaldo, ‘circa’ 1964”, do professor Thomas Maack, e às três respostas por ele suscitadas, todos os quatro publicados a seguir, quer o Conselho Editorial da *Revista USP* deixar claros os seguintes pontos:

1) O conteúdo de qualquer artigo assinado é de responsabilidade exclusiva do autor, não implicando em nenhuma solidariedade da *Revista* em relação aos conceitos nele emitidos. Compete ao Conselho somente deliberar se aceita ou não publicá-lo. No presente caso, a admissão deveu-se à soma de três fatores: o cargo ocupado pelo professor Thomas Maack no alto ensino universitário norte-americano, o que lhe assegura uma posição científica de relevo; o próprio teor do artigo, referente a assunto polêmico, mas de grande interesse histórico, relacionado a fatos ocorridos na Universidade de São Paulo e cujo completo esclarecimento todos devem desejar; a repugnância, sentida pelo Conselho, em negar a palavra a quem já vira cassados os seus direitos de professor e pesquisador universitário em momento de intensa paixão política.

2) O vazamento do artigo para a imprensa diária e semanal não aconteceu por iniciativa ou negligência de membros do Conselho Editorial ou da Redação.

3) A publicação de três cartas de resposta ao professor Thomas Maack, mesmo que não fosse norma jornalística, seria considerada imperativo ético pelo Conselho, por garantir direitos de defesa a pessoas acusadas e também pela oportunidade de oferecer ao leitor, a um só tempo, os dois lados da questão, condição julgada indispensável em se tratando de matéria moral, não artística ou científica.

4) O envio do artigo pela *Revista USP* ao professor Luis Carlos Uchôa Junqueira realizou-se a pedido seu, prontamente atendido, por parecer ao Conselho que lhe cabia tal direito.

5) Da mesma forma, acatou o conselho a sugestão do professor Thomas Maack, feita em carta, no sentido de que ‘Casa de Arnaldo, *circa* 1964’ fosse publicado em “forma revisada”, já que se verificou ser exata a sua alegação de que as modificações introduzidas *são pequenas e não alteram o seu conteúdo fundamental*. Prevaleceu, na ocasião, o direito do autor sobre escrito seu, ainda inédito, tanto mais que as retificações, em número diminuto, atendo-se a palavras, não a fatos, atenuam e não agravam o tom do artigo.

Por fim, quer enfatizar o Conselho Editorial, quanto às injustiças cometidas a partir de 1964, documentadas no “Livro Negro da USP”, editado em 1979 pela Adusp, que a Universidade de São Paulo, por suas instâncias competentes, já buscou repará-las, a partir de 1979, reintegrando em seus quadros docentes aqueles que, anteriormente excluídos, assim o desejaram, inclusive alguns dos citados pelo professor Thomas Maack.”

Como se percebe pelo exposto até aqui, cada novo número publicado era uma batalha vencida – tanto pelo Conselho como pela Coordenadoria de Comunicação Social, órgão da Reitoria sob cuja guarda está a *Revista USP*.

A 30 de novembro de 1993, como consta em ata arquivada na redação da *Revista*, aconteceu uma reunião a que compareceu o então recém-eleito Reitor Flávio Fava de Moraes, convidado pelo conselheiro Carlos Alberto Barbosa Dantas. Nessa ocasião, Décio fez ao novo Reitor um breve histórico do Conselho Editorial, sua criação pelo Reitor Goldemberg, sua composição inicial e características de atuação, além de apresentar a *Revista USP* como fruto desse trabalho. E finalizou sua fala “ênfatizando” as dificuldades crônicas enfrentadas pela redação, como, por exemplo, a falta de equipamento próprio. (Sobre tal assunto, discorreremos no próximo capítulo.) Consta ainda deste texto uma informação importante: a necessidade, segundo Décio, de ser redigido um “Regimento do Conselho”, em que ficassem previstas formas racionais de renovação dos seus quadros. Tal fato foi importante em, pelo menos, dois aspectos: formalizou definitivamente a atuação do Conselho e, por conseguinte, assegurou a continuidade da própria *Revista USP*. Por ser a primeira portaria a estabelecer atribuições e competências do Conselho, e dela derivarem as seguintes, nós a transcrevemos na íntegra:

“PORTARIA GR N° 2.883, DE 12 DE ABRIL DE 1994

Dispõe sobre os objetivos da ‘Revista USP’, altera a composição do Conselho Editorial, estabelece suas atribuições e dá outras providências.

O REITOR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, usando de suas atribuições legais, baixa a seguinte

PORTARIA:

Artigo 1º - A 'Revista USP' tem por finalidade publicar artigos sobre ciências e as humanidades, divulgando, de modo geral, a cultura.

Parágrafo Único – Não se enquadram em seus objetivos a publicação de artigos científicos especializados.

Artigo 2º - A 'Revista USP' será orientada e dirigida por um Conselho Editorial.

Artigo 3º - O Conselho Editorial, designado pelo Reitor, é constituído por 10 (dez) professores em exercício ou aposentados, bem como por pessoas com destaque no mundo científico-cultural.

§ 1º - O Reitor escolherá o Presidente e o Secretário-Executivo dentre os membros por ele designados.

§ 2º - O Presidente será substituído, em suas faltas e impedimentos, pelo Secretário-Executivo.

§ 3º - O Coordenador da Coordenadoria de Comunicação Social será, como membro nato, um dos 10 (dez) Conselheiros.

Artigo 4º - O mandato dos outros 9 (nove) componentes do Conselho Editorial será de 3 (três) anos, renovando-se ao terço (1/3), anualmente.

Artigo 5º - O Conselho Editorial é vinculado administrativamente ao Gabinete do Reitor.

Artigo 6º - Ao Conselho Editorial compete:

I – coordenar as publicação da 'Revista USP';

II – estabelecer a política geral e conceitual relativa ao conteúdo das publicações;

III – estabelecer normas para aceitação dos trabalhos a serem publicados, bem como as relativas à editoração da ‘Revista USP’;

IV – emitir parecer sobre o mérito dos trabalhos a serem publicados, valendo-se de assessores especializados, quando necessário;

V – elaborar o relatório anual das atividades encaminhando-o ao Gabinete do Reitor.

Artigo 7º - Para cumprir o disposto no artigo 4º, haverá sorteio entre os 9 (nove) membros do primeiro Conselho designado, estabelecendo-se os que cumprirão mandato de 1, 2 e 3 anos respectivamente.

Artigo 8º - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, em especial a Portaria GR nº 2.620, de 24 de setembro de 1990 (Proc. USP nº 91.1.43586.1.8)

Reitoria da Universidade de São Paulo, 12 de abril de 1994.

FLÁVIO FAVA DE MORAES

Reitor”

Após a saída de Décio – desligamento que acabou se estendendo a Fernando Reinach e Boris Schnaiderman naquele 1994 –, a *Revista*, do ponto de vista editorial, ampliou seu leque de temas. Naquele primeiro instante de vida, poderíamos dizer, ela era vista, geralmente, como uma revista de humanidades – talvez pelo fato de constar no seu projeto editorial e, explicitado na segunda Portaria, não se enquadrarem em seus objetivos a publicação de artigos científicos especializados. Salvo um ou outro dossiê, em sua seção “Textos”, por exemplo, privilegiava-se a literatura e a crítica literária – mas isso, de certa

forma, era fortuito, uma vez que os docentes e pesquisadores da FFLCH, ou ligados a ela, mandavam constantemente material espontâneo. A seção “Textos”, miscelânea por excelência, desde o princípio estampou textos que provinham da física e da bioquímica, até os que tratavam de teoria literária, filosofia, música e religiões.

Além disso, havia alguma profissão de fé de Décio, um ardoroso nacionalista, a não dar muito espaço para textos e autores estrangeiros. Tal reticência quanto a autores/textos estrangeiros teve um lado bom e outro mau. O bom era que se privilegiavam os autores tupiniquins, fossem eles ou não professores e pesquisadores da USP. O mau advinha do fato de que, em várias oportunidades, a *Revista* poderia ter sido enriquecida com colaborações internacionais de vulto, traduzidas.

Aqui, parêntese nosso, uma grande conquista da *Revista* foi a de nunca ter publicado qualquer de seus textos em língua estrangeira, como pode ocorrer com outras publicações do gênero. Décio tinha uma posição muito firme nessa questão, no que concordamos totalmente com ele e com o espírito do Conselho durante esses anos todos, pois nós da redação também nunca admitimos artigos sem tradução. Se depois da saída de Décio a *Revista* ampliou seu olhar sobre os saberes, num ponto houve injustiça quanto ao “primeiro” Conselho. A *Revista USP* não era, de modo algum “literária”, como se dizia à época. Tanto assim que apenas no número 36 (dezembro97-fevereiro/1998) ela estampou um dossiê sobre literatura, “30 Anos sem João Guimarães Rosa”. De certa forma, todos ficaram espantados com a constatação. Nós, da redação, em especial, pois um comentário algo ácido, aplicado à *Revista* no seu início era o seguinte: quem escreve “nesse” número sobre Machado de Assis?

De todo modo, entretanto, certa fama nesse sentido se justificava, uma vez que o Conselho, por sua própria composição (Décio, Boris, Lafer, Renato Janine, Regina Meyer)

atraía textos, e temas, de humanidades, com mais facilidade. “Música Brasileira”, “Teatro”, “Walter Benjamin”, “Educação”, “Palavra e Imagem”, “Liberalismo e Neoliberalismo” (em 1992!), “Violência” (1991), “Brasil-África”, “Judiciário”, “Canudos”, “100 Anos de República”. Eis aí alguns temas gestados e realizados naquele período.

Conforme nosso depoimento em *Décio – Um Homem de Teatro*, Almeida Prado tinha uma forma de pensar que, às vezes, poderia parecer, e parecia, inusual, quando não estranha. Como ocorreu com o tema “Futebol”, em 1993, conforme ali mencionamos e tomamos a liberdade de retomá-lo aqui: antes de mais nada, é preciso dizer que Décio era um assíduo freqüentador de estádios, amante inveterado do chamado ludopédio e são-paulino de quatro costados (por exemplo, ele lembrava-se de, criança, ter visto jogar o mitológico Arthur Friedenreich, à época do ainda Paulistano) – nós, que somos santistas, sofriamos nas mãos dele naquele início dos anos 90, em que o São Paulo Futebol Clube ganhava tudo e nosso time ia ladeira abaixo. Além disso, como todo bom torcedor, ele sabia ser bem cruel de vez em quando. Pois bem, era final de 1993 e a Copa do Mundo aconteceria nos Estados Unidos no ano seguinte. Achávamos que um dossiê sobre futebol seria muito bom para a *Revista* e atrairia muitos leitores. Propusemos a idéia numa reunião. Para nossa surpresa, Décio – que já havia escrito alguns dos melhores artigos sobre o tema neste país – a refutou de imediato. Disse ser um assunto menor da cultura e que os temas da *Revista* deviam manter-se em patamares mais elevados.

Estranhamos, pois no número 2 da *Revista* (maio–julho/1989), dedicado ao tema “Tempo”, ele assinara um brilhante texto intitulado “O tempo (e o espaço) no futebol”. Pois bem, a idéia foi, então, engavetada e só depois de sua saída do Conselho ela passou a ter boa acolhida junto aos conselheiros, que a promoveram (nº 22, dossiê “Futebol”, junho–agosto/1994). Graças a tal fato, a *Revista USP*, pelo que sabemos, foi a primeira revista

universitária a publicar um dossiê sobre o tema. (E aqui vale um registro, pois pretendíamos e trabalhávamos para que o volume saísse durante o mundial. José Carlos Bruni, membro do Conselho, foi o encarregado da organização e do texto de apresentação do número. O fato é que a gráfica atrasou a impressão da *Revista* e só nos restou torcer – no sentido literal – para que o Brasil trouxesse o “tetra”, pois, se isso não acontecesse, o volume ficaria encalhado no depósito. Felizmente, o time brasileiro foi vitorioso e a *Revista*, por sua vez, muito bem recebida, tanto pela crítica quanto pelo público leitor, para satisfação de todos – aliás, esse número é procurado ainda hoje, época em que o futebol, como parece, está acima do bem e do mal e é um gerador contínuo de celebridades).

3.2. O Conselho posterior

Antes de entrarmos na questão da diversificação dos temas de dossiê, ocorrida após a saída de Décio de Almeida Prado, é preciso observar outro ponto. Dissemos acima que o chamado “primeiro Conselho” estendeu-se de 1988 a 1995. Décio o capitaneou, de fato, de 88 até o final de 1993; Renato Janine Ribeiro, de fevereiro a maio de 94 (quando pediu afastamento), e Regina Meyer, de junho de 94 a setembro de 95 – em agosto de 1994 Nélson Ascher se afastaria do seu posto na *Revista* e em novembro do mesmo ano também Boris se desligaria do Conselho. A primeira mudança notada com o afastamento de Décio foi o fato de que, no momento seguinte, o Conselho decidiu reunir-se quinzenalmente. Tal fato, a nosso ver, não se deu por acaso, significou que não apenas a figura do Conselho caminhava em trilhos definidos, mas que – e tão importante quanto – a própria vida da *Revista* estava garantida e legitimada do ponto de vista institucional (respaldada pela

Reitoria e resguardada pela Coordenadoria de Comunicação Social). Deste ponto de vista, a publicação, aos olhos oficiais da Universidade, estava consolidada, conforme o anseio de Décio e de todos os conselheiros daquele período de implantação. Já não havia a necessidade de reuniões constantes, o veículo não corria risco de morte.

Com a natural renovação do Conselho Editorial, seu perfil tornou-se, digamos, menos humanístico, o que pode ser constatado pelos temas apresentados por seus dossiês – muito embora, por ser uma revista de cultura por excelência, as humanidades sempre se mantivessem contempladas. Por exemplo, um caso que chamou a atenção não apenas intramuros da Universidade, mas da mídia, de forma geral, foi o dossiê “Magia” (nº 31, setembro–novembro/1996), cuja curiosa origem ocorreu durante um almoço nosso com Ana Belluzzo e Maria Lúcia Montes no antigo refeitório da ECA, em que pretendíamos discutir, na verdade, outro tema muito distinto, “direitos humanos” – dossiê publicado posteriormente pela *Revista* (nº 37, março–maio/98). Mas a conversa à mesa logo tomou rumos diferentes e, quando demos por nós, lá estávamos falando animadamente sobre “new age” e terapias e modos de vida alternativos e o papo fluindo tranqüila e prazerosamente. Em dado instante, percebemos que estávamos tratando de um tema altamente interessante e cativante e, até aquela altura, completamente negligenciado pelas publicações acadêmicas. Ana Belluzzo, então, não apenas levou a idéia ao Conselho, como a defendeu com entusiasmo, uma vez que a parte mais espinhosa daquele possível projeto – nomes e temas – já estava, de certa forma, mapeada. A idéia foi aceita por unanimidade e o título, “Magia”, foi um tanto provocativo, mas se adequava plenamente ao conteúdo geral do dossiê. Quando “Magia” saiu, a surpresa foi geral, dentro e fora da USP (lembramo-nos de uma entrevista dada à jornalista Maria Lúcia, à época na CBN, em que, já de início, ela nos perguntava mais ou menos o seguinte: explique isso, a USP agora resolveu trabalhar com

magia?). Um dos melhores dossiês já executados pela *Revista*. O curioso é que Maria Lúcia, grande incentivadora do volume, acabou dele não participando.

O “segundo” momento da *Revista USP*, no que diz respeito a seu Conselho Editorial, foi marcado pela presença de Núbio Negrão, médico e professor oriundo do Instituto de Ciências Biomédicas da USP. Interessante notar que Núbio fora do Conselho Editorial da antiga *Revista da Universidade de São Paulo*, pois seu nome consta do expediente do número 6 daquela revista. Núbio foi nomeado membro do Conselho Editorial da *Revista USP* em agosto de 94 e o presidiu de janeiro de 96 a junho de 2006. Durante esse período de quase 12 anos coordenando os trabalhos do Conselho Editorial, ele organizou, pelo menos, três grandes dossiês na área da saúde: “Aids” (nº 33, março–maio/97), “Psiquiatria e Saúde Mental” (nº 43, setembro–novembro/99) e “Saúde” (nº 51, setembro–novembro/2001).

Foi durante a gestão de Núbio Negrão que se decidiu por reuniões mensais do Conselho Editorial. Tal decisão deu-se em março de 1996 e pôde ser levada à prática porque a *Revista*, já com um corpo de profissionais próprio, estava funcionando há dois anos nas dependências do 2º andar do prédio da Antiga Reitoria. Uma vez que a *Revista* conquistara de fato e de forma seu lugar dentro da Coordenadoria, o Conselho houve por bem reunir-se apenas para supervisionar o trabalho de confecção da publicação e, evidentemente, continuar sua tarefa de discutir e elaborar os dossiês, além de captar textos e de arbitrar sobre o material espontâneo que chegava, e chega, constantemente à redação.

A reunião mensal teve ainda outro significado: já não era mais necessário aquele esforço contínuo do Conselho no sentido de observar de muito perto o andamento dos trabalhos da *Revista* – o que equivale dizer da redação. Com um grupo de profissionais enxuto, mas dinâmico, a *Revista* mantinha seu curso normal, sendo impressa pela gráfica da

CCS. Aliás, como exemplo das atividades daquele Conselho, a *Revista USP* 30 (junho–agosto de 1996) publicou o que seria até então seu mais alentado dossiê, “Viajantes do Brasil”, organizado por Ana Belluzzo. O número de páginas do dossiê, 237, já valeria por toda uma *Revista USP*.

A repercussão desse número foi enorme e a edição esgotou-se rapidamente, merecendo muito destaque nos cadernos culturais da grande imprensa. Ou seja, naquele 96, o Conselho chegara à conclusão de que seu trabalho não mais se daria numa “linha de frente” da *Revista*. Como o caminhar dela mantinha os sinais de constância e, por que não, seriedade, o Conselho Editorial chegou à conclusão de que sua tarefa, a partir daquela altura, devia ser o de “retaguarda” – papel, diga-se, que é mantido até hoje, com a *Revista* já de certa forma emancipada, pois funciona há 18 anos sem que seu ritmo de trabalho sofra qualquer interrupção, ressalvados os “solavancos” de edição por ocasião dos períodos de greve na USP, marcados nos últimos anos pelo fechamento do prédio da Antiga Reitoria, o que altera o funcionamento de todos os veículos de comunicação da CCS, a *Revista* entre eles.

Listemos alguns dos títulos de dossiê produzidos no período que cobre de 1994 a junho de 2006: “Universidade-Empresa”, “Brasil/Japão”, “Povo Negro 300 Anos”, “Florestan Fernandes” (este contou, inclusive, com um ensaio de imagens da vida do sociólogo, o primeiro elaborado pela *Revista*), “Aids”, “Surgimento do Homem na América”, “Rumos da Universidade”, “Engenho dos Erasmos”, a trilogia dos 500 anos de descobrimento do Brasil (“Antes de Cabral”, “Durante Cabral” e “Depois de Cabral”), “Política e Participação”, “50 Anos da Bienal de São Paulo”, “ ‘Os Sertões’ – 100 Anos”, “80 Anos de Rádio”, “Televisão”, “70 Anos de USP”, “Cosmologia”, “450 Anos de São Paulo”, “Brasil Rural”, “20 Anos de Redemocratização”, “Ano Internacional da Física”,

“Religiosidade no Brasil”, “Racismo I”, “Racismo II”, “Água” e “Terra”. Evidentemente, aí não figuram todos, mas os dossiês acima evidenciam a linha de trabalho do Conselho Editorial e sua abertura contemplando outras áreas do saber.

Em julho de 2006, com vários conselheiros no segundo mandato, ou com mandatos vencidos, a Reitora Suely Vilela renovou o Conselho Editorial – uma revitalização que logo se fez sentir. O professor de Física Élcio Abdalla, um dos membros mantidos do Conselho anterior, foi eleito Presidente. E a professora Maria Immacolata V. de Lopes, da ECA, recém-chegada, assumiu a vice-presidência. Se Élcio já havia proposto e organizado anteriormente dois dossiês, “Cosmologia” (nº 62, junho–agosto/2004) e “Ano Internacional da Física” (66, junho–agosto/2005), o primeiro dossiê sob sua presidência também contou com sua coordenação: “Financiamento da Pesquisa no Brasil” (nº 73, março–maio deste 2007). É possível dizer, quanto ao trabalho deste atual Conselho, que ele é muito atuante e, neste momento em que escrevemos – setembro –, já tem discutido e aprovado todos os quatro números de 2008. Ou seja, ele mantém a mesma disposição dos Conselhos anteriores.

Como nosso intuito aqui foi o de olhar com mais atenção para a atuação do “primeiro Conselho”, capitaneado por Décio de Almeida Prado, aquele que ergueu nos ombros o projeto da *Revista*, nós finalizamos este capítulo listando todos os conselheiros da *Revista USP* que atuaram, e atuam na sua concepção. A seguir, mencionaremos os Coordenadores da Codac/CCS deste período. Segue-se a isso a lista dos Reitores, desde que a *Revista* foi concebida até a atualidade.

Criação do Conselho Cultural: Portaria GR 2.350, de 4/5/1998

Boris Schnaiderman – 5/5/1988

Décio de Almeida Prado (Coordenador) – 5/5/1988

José Arthur Giannotti – 5/5/1988–14/8/1989

Modesto de Souza Barros Carvalhosa – 5/5/1988

Regina Maria Prosperi Meyer – 5/5/1988

Ruth Correa Leite Cardoso – 5/5/1988

Sabato Antonio Magaldi – 5/5/1988

Julio Medaglia – 5/5/1988

Fernando de Castro Reinach (suplente) – 27/9/1988

Henrique Fleming (suplente) – 27/9/1988

Carlos Alberto Barbosa Dantas (suplente) – 27/5/1988

Extinção do Conselho Cultural – Portaria GR 2.544, de 2/2/1990

Criação (formal) do Conselho Editorial – Portaria GR 2.620, de 24/9/1990

Décio de Almeida Prado (Presid.) – 1º/11/1988–30/11/1993

Boris Schnaiderman – 1º/11/1988–22/11/1994

Fernando de Castro Reinach – 1º 1/11/1988–4/7/1994

Henrique Fleming – 1º/11/1988–9/10/1991

Regina Maria Prosperi Meyer (Secret./Presid.) – 1º /11/1988–14/9/1995

Modesto de Souza Barros Carvalhosa – 8/1/1990–8/8/1990

Julio Medaglia – 8/1/1990–8/8/1990

Celso Lafer – 24/9/1990–13/4/94 (primeiro mandato)

Renato Janine Ribeiro (Pres.) – 24/9/1990–6/5/1994

Carlos Alberto Barbosa Dantas – 9/11/1991–13/04/1994

José Carlos Bruni – 1º/9/1992–13/12/1995

Maria Thereza Fraga Rocco – 12/4/1994–17/3/1997

Regina Scalzilli Silveira – 12/4/1994–22/11/1994

Tércio Sampaio Ferraz – 12/4/1994–30/1/1996

Franklin Leopoldo e Silva – 23/8/1994–17/3/1997

Núbio Negrão (Pres.) – 23/8/1994–9/8/2006

Antonio Fernando Ribeiro de Toledo Piza – 13/12/1994–24/4/2003

Ana Maria de Moraes Belluzzo – 13/12/1994–16/12/1999

André Luiz Paranhos Perondini (Secr.-Exec.) – 14/9/1995–12/11/2001

Maria Arminda do Nascimento Arruda – 13/12/1995–12/11/2001

Antonio Junqueira de Azevedo – 30/1/1996–6/6/2002

Cremilda Celeste de Araújo Medina – 4/8/1998–ago./2006

João Baptista Borges Pereira – 4/8/1998–9/8/2006

Maria Victoria de Mesquita Benevides Soares – 4/8/1998–9/8/2006

Maria Aparecida Baccega – 9/12/1999–9/8/2006

Victor Knoll – 16/12/1999–9/8/2006

Nicolau Sevcenko – 19/11/2001–9/8/2006

Lilia Katri Moritz Schwarcz – 19/11/2001 (até o presente)

Alaôr Caffé Alves (pedido próprio de dispensa) – 6/6/2002–17/2/2003

Élcio Abdalla (Pres.) – 23/4/2003 (até o presente)

Celso Lafer (segundo mandato) – 24/6/2003 (até o presente)

Maria Immacolata Vassallo de Lopes (Vice-Pres.) – 9/8/2006 (até o presente)

Suely Lopes – 9/8/2006 (até o presente)

Maria do Rosário Dias de Oliveira Latorre – 9/8/2006 (até o presente)

Marie-Anne Van Sluys – 9/8/2006 (até o presente)

Rui Curi – 9/8/2006 (até o presente)

Íris Kantor – 9/8/2006 (até o presente)

Foram Coordenadores da Codac e CCS, respectivamente, nestes 18 anos de *Revista USP*:

Mário Fannucchi (Codac) – 1989 a 1990

Wanderley Messias da Costa (CCS – primeiro mandato) – janeiro a dezembro de 1991

José Sebastião Witter – maio de 1991 a agosto de 1993

Luiz Barco – agosto a dezembro de 1993

André Vitor Singer – dezembro de 1993 a 1994

Celso de Barros Gomes – 1994 a 1999

Cremilda Celeste de Araújo Medina – outubro de 1999 a setembro de 2006

Wanderley Messias da Costa (segundo mandato) – setembro de 2006 até o presente

Previsivelmente, à medida que a *Revista* foi se consolidando, ela começou a ganhar espaço dentro da CCS. Um grupo de profissionais próprio foi designado para a sua confecção e, a partir de 1994, a redação foi instalada em um espaço físico maior, além de

começar a contar com equipamentos apropriados – o que se mantém até a atualidade. No próximo capítulo, a Coordenadoria terá um espaço maior em nossas reflexões.

São estes os Reitores, do início da *Revista* até o presente:

José Goldemberg (que nomeou seu primeiro Conselho Editorial) – 1986 – 1990

Roberto Leal Lobo e Silva Filho – 1990 – 1993

Flávio Fava de Moraes – 1993 – 1997

Jacques Marcovitch – 1997 – 2001

Adolpho José Melfi – 2001 – 2005

Suely Vilela – 2005 até o presente

Se o Reitor Goldemberg foi o grande incentivador da *Revista* no seu primeiro instante, os demais Reitores – aos quais está subordinado o Conselho Editorial – vêm, ao longo do tempo, dando continuidade ao processo de renovação e revitalização do Conselho.

Finalizamos aqui o 2º capítulo desta dissertação. No seguinte, de forma mais detalhada, trataremos da evolução da publicação *Revista USP*, desde seu aparecimento até o momento atual. Aí pretendemos fazer uma avaliação em que se entremeeiem os trabalhos da redação, ou seja, da confecção mesma desta publicação da Coordenadoria de Comunicação Social e sua interação com o Conselho. Ou seja, até aqui olhamos a *Revista* do ponto de vista “teórico”, do Conselho Editorial. Agora veremos o que ocorreu na prática, como se deu a implementação do projeto e seus avanços. Em suma, trabalharemos daqui por diante buscando explicar como a *Revista USP*, ao longo do tempo, se solidificou, tornando-se uma

das publicações universitárias mais respeitadas no país – tanto no sentido editorial como no gráfico.

NOTAS

1. “O Décio da *Revista USP*”, in *Décio de Almeida Prado – Um Homem de Teatro* (org. de João Roberto Faria, Vilma Áreas e Flávio Aguiar). São Paulo, Fapesp/Edusp, 1997, pp.39 – 42.
2. O artigo de Thomas Maack tinha como foco as perseguições político-ideológicas na Faculdade de Medicina da USP no ano de 1964.

4. Uma história da *Revista USP*

Tratar da vida de uma revista, de qualquer veículo de comunicação, seja ele impresso, radiojornalístico, seja televisivo, é tarefa que requer esforço, paciência e meticulosidade. Isso vale para qualquer órgão de imprensa, privado ou acadêmico-universitário. Por uma razão muito simples, como todos sabem: sua história é feita laboriosamente no dia-a-dia. Quem já freqüentou ou simplesmente passou por uma redação percebe sempre um ritmo diferenciado daqueles que observados, por exemplo, no consultório de um dentista ou médico, no escritório de um advogado, ou até mesmo de uma agência de publicidade, embora nesse último caso, normalmente se sinta também, de certa forma, aquele nível de “eletricidade” permanente, digamos assim, característico das redações.

Não importa se o veículo é diário, semanal, mensal, trimestral (para ficarmos com nosso caso) ou tenha qualquer outra periodicidade. Quando se aproxima o “deadline”, a adrenalina sobe, há um prazo a cumprir e esse prazo tem de ser respeitado. Isso é rotina em qualquer veículo de comunicação, impresso ou eletrônico – e chega às raias da “insanidade” se pensamos na internet, em que notícias vão ao ar em questão de segundos. Trabalharemos neste capítulo no intuito de descrever a trajetória, a história da *Revista USP*, uma publicação acadêmica diferenciada que, desde que foi pensada, há 19 anos, tem por objetivo levar cultura e ciência a seu público leitor.

E o faremos de um lugar (como diria Bakhtin) privilegiado e, ao mesmo tempo, escorregadio, uma vez que nela trabalhamos desde seu número 2 e temos acesso, desde o

princípio de nosso trabalho, a todas as reuniões de seu Conselho Editorial e aos próprios Coordenadores da Codac/CCS sempre que necessário. Em vista disso, julgamos ter informações suficientes para desenvolver este trabalho, que não é dos mais simples, uma vez que, pelo fato de estarmos “dentro” dela e acompanharmos sua evolução no tempo, devemos ter um redobrado cuidado ao tratar do nosso tema, procurando ao máximo o olhar imparcial característico de todo trabalho de pesquisa. Esperamos conseguir esse intento, uma vez que, dadas as características invulgaes que essa publicação apresenta, e pelo que ela hoje representa dentro do mundo acadêmico-universitário brasileiro e, claro, uspiano, a tarefa propõe, por si só, inúmeras dificuldades.

Começaremos, então, dizendo que ao lado do que já foi dito nos dois capítulos anteriores, procuraremos retratar a trajetória da *Revista* em três momentos principais: o de implantação de seu projeto, que a nosso ver vai de 1988 até 1994 – quando o Conselho Editorial houve por bem mudar suas reuniões semanais para quinzenais. O segundo momento é aquele em que o leque de suas preocupações – vale dizer os temas de seus dossiês – se ampliou fortemente e deu-se, mais ou menos, de 94 até meados de 2004 (a partir de 1996 as reuniões do Conselho passaram a ser mensais, o que ocorre até a atualidade). E um terceiro momento de 2004 até o presente, este obedecendo mais a critérios técnicos, haja vista que a partir do número 63, dossiê “Cosmologia” (junho–agosto de 2004), a *Revista* passou a contar com impressão em quatro cores e, posteriormente, com miolo em papel “couché” e costura. O que se propõe aqui é ilustrar todo esse percurso a partir da vida da redação da *Revista*, do seu cotidiano do qual participamos, daquele seu início até os dias atuais, tendo em vista, sobretudo, esses três momentos por ela vividos.

4.1. O início da *Revista*

É fundamental, para que se entenda uma publicação, saber de imediato qual é seu “projeto editorial”. Isso vale para todo e qualquer órgão de comunicação impresso. O projeto editorial de um veículo é uma espécie de DNA que o caracteriza diante de todos os outros de seu segmento. No presente caso, o projeto editorial da *Revista USP* foi elaborado pelo seu primeiro editor, Nélson Ascher, em agosto de 1988 (no caso, um esboço) e acolhido à época pelo que nós denominamos anteriormente de “primeiro Conselho”, capitaneado por Décio de Almeida Prado.

Embora longo e com vários pontos já descoloridos pelo passar do tempo, tomamos a liberdade de transcrever o projeto na íntegra, uma vez que sua espinha dorsal prevalece até os dias atuais, mesmo que dentro do Conselho tenha sofrido vários e duros ataques com o passar dos anos. Mas ele continua se mantendo nos seus pontos mais significativos, como, por exemplo, a adoção de dossiês e sua busca de multidisciplinaridade. Note-se que Ascher nele insere até mesmo uma proposta de projeto gráfico para a *Revista*, que, para a época parecia adequada, uma vez que ele já menciona a necessidade de um editor de arte para o veículo – naqueles tempos de antiga Codac, tal fato tinha sua razão de ser, como explicaremos posteriormente:

“Revista da USP (*sic*)

Esboço de Projeto Editorial

1) Objetivos da *Revista*:

- 1.1) Veicular textos produzidos na Universidade – por professores e alunos – e, segundo critérios a serem estabelecidos, fora dela.
- 1.2) Atingir um público formado, sobretudo, por professores e alunos da Universidade, bem como por pessoas com formação universitária.
- 1.3) Fixar uma faixa de público já predisposta de antemão a ler uma revista desse tipo, e ampliá-la sem, contudo, fazer concessões na qualidade dos textos publicados.
- 1.4) Atrair para a *Revista* textos de alto nível e encorajar a produção de textos a ela destinados.
- 1.5) Criar e fixar padrões – de qualidade, estilo e interesse – e oferecê-los como modelos viáveis para outros trabalhos e publicações.
- 1.6) Operar num nível de complexidade superior ao dos jornais e revistas semanais dirigidos ao grande público, sendo, porém, acessível a um público mais amplo que o das publicações específicas em cada área.
- 1.7) Publicar textos que sejam, a um tempo, originais no que diz respeito aos seus temas, idéias e linguagem, e possuam durabilidade, ou seja, preservem seu interesse a longo prazo.
- 1.8) Elaborar dossiês – compostos de várias colaborações – sobre temas importantes e que mereçam tratamento mais aprofundado.
- 1.9) Traçar perfis de personalidades intelectuais importantes através de textos sobre elas, textos ou excertos de textos, de preferência inéditos, produzidos por elas, e entrevistas (respondidas oralmente ou por escrito, mas cuidadosamente pautadas).
- 1.10) Ampliar conscienciosamente o repertório cultural dos leitores.

- 1.11) Elaborar pautas instigantes, que despertem o interesse tanto dos colaboradores quanto dos leitores.
- 1.12) Veicular a maior diversidade de opiniões.
- 1.13) Caracterizar-se, ao contrário de outras revistas congêneres, não pelo apego a determinadas vertentes de pensamento, mas pela instauração de critérios objetivos de qualidade.

2) Textos

- 2.1) Os textos devem ter um caráter preponderantemente reflexivo e científico (no sentido amplo).
- 2.2) Segundo critérios a serem estabelecidos, os textos de natureza criativa – contos e poemas, por exemplo – devem ser excluídos ou estritamente limitados.
- 2.3) Uma possibilidade para publicação de textos criativos é veiculá-los como apêndices de textos reflexivos. Assim, um texto sobre determinado autor pode vir acompanhado de excertos de uma obra inédita de sua autoria.
- 2.4) A linguagem e o estilo dos textos devem evitar tanto o imediatismo reducionista dos jornais e revistas semanais – cuja meta principal é a informação e não a reflexão, e cuja estrutura é rígida, com suas frases obrigatoriamente curtas, seus ‘leads’ etc. – quanto o empolamento e a opacidade terminológica das publicações altamente especializadas. Ao contrário do que sucede na grande imprensa, é importante enfatizar a pluralidade de estilos.
- 2.5) É sobretudo no estilo e na linguagem que os textos podem e devem criar um padrão para a produção ensaística brasileira da atualidade.

2.6) O espectro temático deve ser o mais amplo possível, sem que os textos se tornem demasiadamente especializados. É importante que textos de uma área atraiam especialistas de outras áreas. Particular ênfase merece ser dada a textos de caráter interdisciplinar.

2.7) Salvo exceções a serem discutidas, os textos devem ter um tamanho relativamente padronizado – 5 a 10 páginas de livro ou de 10 a 20 laudas de 20 linhas com 70 toques cada.

2.8) Notas de rodapé e referências bibliográficas devem ser reduzidas ao mínimo necessário.

2.9) A periodicidade e o caráter universitário da revista impedem a busca de textos ‘quentes’ em termos jornalísticos, mas pressupõem originalidade de estilo e enfoque, bem como amplitude e profundidade de tratamento. Os ‘furos’ que uma revista dessa natureza pode veicular estão no nível das idéias, não dos fatos. Assim, é importante que assuntos tratados originalmente na grande imprensa de modo superficial voltem a ser abordados mais ampla e profundamente na revista.

3) Colaboradores e colaborações

3.1) Os colaboradores preferenciais são os professores e alunos da USP, mas colaboradores de fora também devem contribuir.

3.2) Deve haver um equilíbrio entre colaboradores de renome e pessoas menos conhecidas, de modo tanto a estabelecer explicitamente um patamar qualitativo para a revista quanto para valorizar os textos de autores menos famosos.

3.3) É importante publicar em cada edição pelo menos um texto de autor estrangeiro. Esse texto pode ser especialmente encomendado ou reproduzido de revistas estrangeiras congêneres. Para a segunda opção convém estabelecer contatos com tais revistas, abrindo a

possibilidade de intercâmbio, no qual elas permitiriam a publicação de seus textos em troca de textos da *Revista da USP (sic)*, com a autorização prévia dos autores.

3.4) São dois os tipos de colaboração que a revista deve veicular: textos enviados espontaneamente pelos autores; textos encomendados. Convém que textos do segundo tipo sejam mais numerosos de modo a possibilitar maior coerência editorial. Todos os textos, porém, devem se adequar aos padrões da revista – padrões qualitativos – e devem ser submetidos ao Conselho Editorial.

3.5) As entrevistas podem ser pautadas e realizadas pelo editor, pautadas pelo editor e realizadas por um especialista no assunto em questão, ou pautadas e realizadas por um especialista, desde que a pauta seja previamente discutida com o editor. Em todos os casos, a pauta deve ser submetida ao Conselho Editorial.

4) Capa, diagramação e outros aspectos visuais

4.1) Para que esse tópico seja desenvolvido detalhadamente, é necessária a assistência de um editor de arte, cuja primeira tarefa seja criar um projeto gráfico. Algumas sugestões, entretanto, podem nortear tal projeto.

4.2) A revista deve ter aspecto intermediário entre as revistas de grande circulação e os livros.

4.3) O formato mais conveniente, já que se trata de uma revista, é o formato padrão de revistas como a ‘Veja’, ‘Estudos Avançados’, ‘Novos Estudos Cebrap’.

4.4) Como nos livros, o texto deve ser corrido, numa única coluna larga.

4.5) Para maior arejamento, as páginas pares devem ter uma margem larga à esquerda e as ímpares, à direita.

4.6) Essas margens podem ser utilizadas para a publicação, em corpos e tipos diferentes, de breves resumos dos textos (escritos, de preferência, por cada autor) logo em sua primeira página e de notas e referências bibliográficas no correr do texto. Algumas frases – ‘olhos’, no jargão jornalístico – podem ser destacadas nessas margens, para auxiliar o acompanhamento dos textos.

4.7) Ilustrações e fotografias espalhadas pela revista são essenciais.

4.8) Convém incluir diagramas e gráficos – em número limitado – nas matérias cujo esclarecimento facilitarem.

4.9) Uma breve apresentação do autor, acompanhada de um resumo de sua bibliografia, pode ser incluída na referidas margens, de preferência no final dos textos.

4.10) A disposição das ilustrações, fotografias, gráficos e diagramas não deve ser rígida. Eles podem ser publicados, por exemplo, no quadrante superior direito da página.

4.11) Sendo o que propicia o primeiro contato do leitor com a revista, a capa deve ser atraente. Convém, no entanto, criar um padrão fixo – embora maleável – para a capa. Seria conveniente criar um logotipo para o nome da revista e apresentar na capa apenas as informações necessárias, de modo a não ‘poluí-la’. A contracapa pode ser utilizada para maiores informações.

4.12) Para facilitar seu acesso e classificação em bibliotecas públicas ou particulares, as páginas da revista devem ser coladas, não grampeadas, de modo a que ela disponha de uma lombada na qual, além de seu nome, conste seu número e data de publicação (e, eventualmente, o nome do dossiê que ela publica).

5. Conselho editorial e outros tópicos

5.1) O Conselho Editorial pode ser formado nos moldes já discutidos (*sic*).

5.2) Cabe ao referido Conselho pautar temas, textos e colaboradores, examinar os textos não encomendados, examinar as pautas e textos sugeridos pelo editor. (Essas são apenas sugestões, pois o Conselho Editorial pode delimitar melhor suas próprias atribuições.)

5.3) A eventual remuneração dos textos deve ser discutida com o Conselho Editorial.

5.4) A *Revista* deve se reservar o direito de recusar textos não encomendados, bem como de textos encomendados que não respondam aos seus padrões de qualidade. Cabe também à revista, sem interferir na opinião dos autores, recomendar alterações nos textos, sobretudo no que diz respeito ao seu tamanho, estilo etc.

5.5) Ao contrário do que acontece na média da imprensa, as polêmicas devem ser restritas, em primeiro lugar, porque a trimestralidade da *Revista* impede respostas imediatas. Não cabem, obviamente, ataques e diatribes pessoais numa revista desse gênero. A discussão rigorosa de idéias – o que se poderia chamar de polêmica a longo prazo – deve, porém, ser incentivada.

5.6) Deve-se estabelecer um cronograma rígido, que especifique o prazo de entrega dos artigos, a data de fechamento e a de circulação.

5.7) Convém contatar a grande imprensa para dela conseguir a divulgação da revista, com o intuito de atingir plenamente seu público, despertando-lhe o interesse.”

Cabem aqui reparos para se entender como a evolução da revista deixou alguns desses tópicos do projeto editorial inicialmente pensado para trás. O item 2.7, por exemplo, não mais se sustenta, uma vez que num tempo de internet já não é cabível falar em lauda: hoje, quando contatado, o autor recebe a orientação de balizar seu artigo com um mínimo de 20 mil e um máximo de 30 mil caracteres – o que não chega a ser uma amarra, apenas

uma recomendação, embora textos que superem em muito tais quantidades de caracteres tenham sido comumente devolvidos.

O item 3.3, que trata do intercâmbio com revistas estrangeiras, não se concretizou – houve inclusive um episódio, quando da publicação do dossiê “Teatro” (nº 14), de uma revista especializada cubana que estampou em suas páginas os textos do dossiê, quase na totalidade, sem qualquer consulta, o que foi recebido pelo Conselho de forma bem-humorada (o pedido de permissão chegou depois, quando a revista cubana já estava pronta e distribuída).

Quanto às orientações para o futuro projeto gráfico, como era previsível, várias modificações foram feitas com o passar do tempo. Começamos pelo item 4.3, que dispõe sobre o formato da *Revista*: de 21cm x 28cm, da idéia original, passou-se para 19cm x 28cm devido a questões técnicas referentes à impressão na gráfica da CCS – dimensões que permanecem até hoje. A chamada “coluna larga” (mancha) a que se refere o item 4.4, devido à insistência de pedidos de leitores com dificuldade em ler uma linha tão comprida, foi substituída pela coluna dupla, mais prática – e que permanece até a atualidade –, desde o dossiê 14, o já referido “Teatro” (junho-agosto de 1992).

No que diz respeito à capa, que, como é sabido, é a “vitrine” da publicação, a idéia original (o “padrão fixo”, mas “maleável” com inspiração no abstracionismo geométrico de Mondrian) sobreviveu por “bravas” 14 edições, quando deu mostras inequívocas de esgotamento. Já o número 15 da *Revista*, dossiê “Walter Benjamin” (setembro-novembro de 1992), apresentava capa em papel “couché”, com orelhas e uma imagem trabalhada do quadro “Angelus Novus”, de Paul Klee – a pedido de Regina Meyer, dois alunos da graduação da FAU, André Stolavski e Rodrigo Mindlin Loeb, a elaboraram e foi aprovada pelo Conselho. Certamente, essa foi uma mudança histórica no que diz respeito ao projeto

gráfico da *Revista*, uma vez que a liberdade conquistada em seu interior agora transparecia já na sua capa.

Quanto ao item 4.12, que recomendava que a *Revista* fosse colada, só muito recentemente foi alterado – justamente no número 62, dossiê “Cosmologia” (junho–agosto/2004). Durante todo esse tempo houve inúmeras reclamações de leitores e autores de que as páginas da *Revista* descolavam. Hoje, com costura, o problema foi superado com sucesso – não tem havido mais reclamação quanto a isso.

É preciso dizer que, em linhas gerais, o projeto editorial aprovado pelo Conselho se sustenta e se mantém até hoje. É possível dizer ainda que em nenhum momento dentro da vida da *Revista* ele foi definitivamente contestado. Embora tenha havido situações em que a idéia de se manter o dossiê, ou seja, cada revista ser temática, tenha sofrido ataques contundentes dentro do Conselho, até o momento nenhum desses ataques feriu essa seção de morte – pelo contrário, após 18 anos de vida a idéia de números temáticos na *Revista* ganha cada vez mais força dentro das discussões do Conselho.

4.2. Uma subsala, uma redação

Quando a vida da *Revista* começou, em 1988, sua redação era composta única e exclusivamente pelo editor Nélon Ascher, cuja sala era o apêndice da secretaria do Diretor de Editoração e Jornalismo Luís Carlos Torcato, no 2º andar do prédio da Antiga Reitoria (onde a *Revista* sempre funcionou). Uma mesa com cadeira, um aparelho telefônico e uma máquina de datilografia compunham a “paisagem” no exíguo espaço. Que se tornou mais

apertado quando chegamos, por ocasião do número 2, em maio do ano seguinte, pois aí foram instaladas mais uma mesa e uma cadeira e outra Remington.

Naquela época, os trabalhos editoriais na Coordenadoria eram todos setorizados. Não consta nos expedientes das edições 1 e 2, mas no número 3, quando a publicação já começava a desfrutar de algum prestígio, podemos constatar, que ao lado do Conselho Cultural e do Conselho Editorial, há referências ao “capista”, ao “diagramador”, ao corpo de “revisores”, ao corpo de “criação e arte-final”, ao “diretor de artes gráficas” e ao “serviço de composição”. As seções de “arte” e “revisão” situavam-se no 3º andar, a “gráfica” no térreo (onde se localiza até hoje) e a “composição”, no 1º.

A redação do *Jornal da USP* na CCS, primo mais velho da *Revista*, funcionava ao lado, também no 2º andar. Excetuando o jornal, que contava com um grupo de profissionais, a *Revista* era a única publicação da Codac supervisionada por um Conselho Editorial. De toda forma, era uma publicação nova na Coordenadoria e nós, da redação, recém-contratados, vínhamos de fora da Universidade e éramos vistos, como era natural no começo, com alguma desconfiança. Trabalhando num ambiente pré-informatização, a operacionalização do trabalho, de forma ampla, funcionava da seguinte maneira: contatavam-se os autores acordados nas reuniões do Conselho – embora freqüentemente esse mesmo Conselho fizesse a primeira aproximação – e combinavam-se os temas e prazos de entrega.

A recepção dos textos merece um comentário à parte. Isso porque havia naquele início da *Revista* dois tipos de artigos que chegavam a ela: os que eram mandados pelos autores já em laudas de jornal e aqueles simplesmente em papel sulfite. Esses dois tipos, na verdade, sofriam outra subdivisão. Ou seja, havia um primeiro tipo, datilografado; um segundo, datilografado também, mas com correções na página à mão (eram os mais

comuns); e o terceiro tipo era o texto simplesmente manuscrito, que não era incomum. Assim, até a chegada dos disquetes, todos os textos eram integralmente digitados, o que, depois, se refletia em sua preparação e revisão, sendo necessário um cotejo do original com o texto efetivamente digitado, para se ter certeza de que este fora trabalhado na íntegra (era comum observar os revisores, nesse processo, trabalharem em duplas, um lendo o texto digitado e outro conferindo, palavra a palavra, vírgula a vírgula, se o “compositor”, ou seja o digitador, tinha realmente seguido todas as indicações do autor e da preparação; tal procedimento durou até meados de 1996).

Ao serem recebidos os textos, eles eram xerografados, sendo os originais arquivados e as cópias utilizadas para preparação. Titulados e acompanhados das respectivas fichas de crédito dos autores em laudas à parte, uma vez preparados, os textos iam para a composição, de onde saíam para a revisão mencionada acima. Feita esta, já com as imagens para ilustrá-los, seguiam para a diagramação, onde as páginas da *Revista* eram desenhadas. Diagramada toda a *Revista*, passava-se à fase final e mais trabalhosa: a montagem da edição – obedecendo-se ao “deadline”, claro. Era exatamente nesse ponto que eram freqüentes os atropelos (e não é assim todos os dias, semanas, nos diários e semanários?).

Como já comentado anteriormente, nossa entrada na *Revista* deu-se durante o decorrer dos trabalhos de edição do segundo volume, cujo andamento já estava bem atrasado, em maio de 89. A *Revista* com todos os prazos vencidos, com previsão de entrada em gráfica já postergada várias vezes. O Diretor Torcato deu um “basta” na situação e marcou data definitiva de liberação do número para fotolitagem. Com a cooperação de todo o pessoal da área técnica, o número foi fechado quase de madrugada numa sexta-feira. Ou seja, desde o princípio da *Revista* – e ainda hoje não é diferente – a questão dos prazos

(normalmente dos autores na entrega das colaborações) é um fato que exige uma dose extra de paciência a todos na redação.

Sobre essa mesma questão, a da recepção dos textos, é preciso dizer que, com a informatização da *Revista* – a partir de 1994 – ocorreu um fenômeno que trouxe tanto benefícios como problemas para a redação. Ou seja, quando os textos chegavam em disquete, no início da informatização da redação, não havia problema, pois uma vez entregue o texto com a respectiva cópia em papel, o autor não poderia mais fazer qualquer alteração e seu trâmite fluía normalmente. O mesmo já não acontece a partir da era da internet, por volta de 2002, quando os autores, em sua maioria, se sentiram mais livres para, mesmo mandando o “texto-base”, realizarem mudanças em seus artigos.

Em alguns casos, a situação ficou insustentável, pois dia a dia chegavam variações de autores de seus artigos com o indefectível “vale este, desconsiderem versão anterior”. Algumas vezes, chegou-se mesmo a situações complicadíssimas, pois havia texto na redação com 7 ou 8 versões, com alterações coloridas – e cada cor referente a uma dada atualização. Ora, isso chegou a prejudicar, e muito, não apenas o trabalho de preparação do original, mas o próprio fluxo de textos dentro da redação – o que se refletia, por fim, no atraso do cronograma. Hoje em dia, essa “reatualização voraz” dos autores tem-se tornado exceção à regra, muito embora num ou noutro caso o perfeccionismo autoral ainda produza alguns atropelos na evolução da edição.

Voltando, a vida da redação ganhou um terceiro e importante funcionário fixo na virada do número 5 para o 6 (dossiê “Europa Central”, setembro–novembro/1990). Trata-se do preparador de textos e revisor Jurandir Renovato – que, mais tarde, a partir de 1994, com a saída de Nelson Ascher e, de nossa parte, tendo assumido a chefia da edição, tornou-

se, primeiro, editor-assistente da *Revista* e, posteriormente, seu editor-executivo. Com Renovato, a *Revista*, além de ampliar seu quadro fixo de funcionários, com o tempo ganhou ainda seu “Manual de Redação”, que prevalece na preparação de originais até hoje.

A chegada de Renovato, do ponto de vista de motivação para a redação, foi muito positiva, uma vez que trazia a certeza de que a *Revista* não apenas caminhava na direção correta, mas ainda tal fato já era reconhecido institucionalmente dentro da Coordenadoria de Comunicação Social. Ele, de fato, acompanhou – e acompanha – o percurso da *RevistaUSP* durante todo esse período e, hoje, sua tarefa é muito mais a de um editor-executivo de fato (embora seja um preparador de textos com competência inegável), atuando em quase todas as frentes da edição. A idéia de um grupo de profissionais, autônomo, que trabalhasse de fato apenas a *Revista*, começou a se desenhar com a integração de Renovato à sua equipe.

Outro acontecimento de peso que marcou a vida da *Revista* foi a chegada, como colaborador eventual, de Carlos Baptistella, na mesma edição 6, para fazer a edição de arte do veículo. Na verdade, a presença de um editor de arte já estava prevista no projeto editorial (item 4.1, já mencionado), e era mais do que necessária. Se se acompanhar a diagramação dos números de 1 a 5 e a compararmos com a 6, é possível observar um passo gigantesco do ponto de vista gráfico e iconográfico.

Oriundo de uma revista cultural e de arte (a *AZ*) e com uma passagem pelo jornal *Folha de S.Paulo*, Baptistella, mesmo com as limitações de impressão (p/b) e de qualidade de papel de miolo (sulfite 75 g), repaginou completamente a *Revista*. Nos dois números em que ele operou, a 6 e a 7 (dossiê “Tecnologias”, setembro–novembro/1990, em colaboração com Ubirajara Correia), a *Revista* se vitalizou, a quantidade de fotos e ilustrações, e sua distribuição pelas páginas, aumentou significativamente e, além de se personalizar cada um

dos artigos estampados, a *Revista*, sem dúvida ganhou o que poderíamos chamar de “up grade visual”.

A mudança foi visível, palpável até, a publicação ganhou em vitalidade e este aspecto foi fundamental para que se contratasse em definitivo (e não temporariamente, como no caso de Baptistella) Ubirajara Correia. O trabalho de Bira, explorando definitivamente o aspecto visual da *Revista*, foi importante para a maior interação do leitor com o conteúdo das matérias. Imagens e fotos eram introduzidos com destaque nas páginas, aproximando o leitor dos textos e trazendo muito mais leveza à edição.

Não que a *Revista* tenha mudado seu perfil: ela foi, e continua sendo, uma publicação voltada precipuamente para o “lado” editorial, mas a nova iconografia proposta por Bira trouxe uma espécie de equilíbrio texto/imagem que mudou sua face. Tal equilíbrio foi muito benéfico e sentido através das cartas e telefonemas que a redação começou a receber, comentando o “novo” dinamismo das edições.

Dessa forma, já no expediente do número 8 (dossiê “Educação”, dezembro90–fevereiro/1991), constam no expediente da redação, além de Jurandir Renovato, o nome de Bira Correia, como era chamado. Ora, em dois anos, aproximadamente, a redação da *Revista USP* passou de uma para quatro pessoas. Ela ainda não contava com dependências próprias ou com qualquer equipamento de informática – na época, Bira recebeu uma prancheta com cavalete para desenhar a *Revista* e, quanto a nós outros, continuávamos com nossas Remingtons – Jurandir nem sequer contava com tal artefato.

Mas o fato é que, com todas as dificuldades próprias de um veículo de comunicação acadêmico-universitário produzido dentro de um órgão central da USP, no encerramento das atividades do seu segundo ano de existência, a *Revista* (e, por conseguinte, o Conselho e a Coordenadoria) tinha muito a comemorar. Isso porque a “síndrome do terceiro número”

tinha ficado para trás, e as possíveis, e previsíveis, apostas de que um veículo universitário multidisciplinar destinado a um público leigo interessado em cultura e ciência era “missão impossível” dentro do âmbito uspiano desgastavam-se a cada número que saía da gráfica da CCS.

O outro fator, naquele final de ano, o visual, trabalhava ainda a favor da publicação: além da qualidade inegável das colaborações de texto da *Revista* – qualidade reconhecida desde o primeiro exemplar até este 74 (dossiê “Pensando o Brasil – Humanidades”, junho–agosto/2007), momento em que escrevemos este trabalho –, ela começava a se robustecer definitivamente no seu aspecto gráfico, para satisfação de todos os envolvidos em sua feitura, fosse a redação, fosse o Conselho, fosse a própria Coordenadoria da CCS – que olhava com atenção o produto pensado pela Reitoria na gestão Goldemberg, e tentava acomodá-lo fisicamente da melhor forma possível dentro de suas dependências no prédio da Antiga Reitoria. Tal processo de acomodação física duraria mais alguns anos, como se verá adiante, mas o que se conquistara até aquele momento já era motivo de comemoração – de todas as parte envolvidas.

É preciso notar ainda que o trabalho de divulgação da publicação feito pela grande imprensa, especialmente por *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, colaborou, e muito, para a ampliação de seu quadro de leitores – o sucesso de crítica era renovado a cada publicação. Não se deve deixar de mencionar que, a partir do número 7, com notícia dada no editorial, a *Revista* abriu sua campanha de assinaturas, prova inequívoca de sua boa acolhida junto ao público – lembremo-nos do que ocorrera com a antiga *Revista da Universidade de São Paulo*, que adotou o mesmo procedimento no 5º e encerrou suas atividades no 6º, como vimos no primeiro capítulo – era, pelo menos, auspiciosa. No caso da *Revista*, pelo contrário, com a assinatura, ela se tornou ainda mais forte.

Dessa forma, as publicações foram se sucedendo e os temas de dossiê chamavam a atenção – por exemplo, o número 9 (dossiê “Violência”, março–maio/1991), quando esse tema começou a ser discutido e debatido com mais assiduidade; um volume que teve muita repercussão junto à imprensa e que tinha uma dupla face: metade do dossiê foi solicitado ao NEV (Núcleo de Estudos da Violência da USP) e a outra metade foi trabalhada pelo próprio Conselho Editorial). O resultado foi uma combinação de qualidade, com artigos traduzidos de Norberto Bobbio e Hanz Magnus Enzensberger e colaborações originais de Gilberto Velho, Antonio Candido, Rubens de Campos Filho, Malak Poppovic, Paulo Sérgio Pinheiro, Myriam Mesquita P. de Castro, Sérgio Adorno, Emilio Dellasoppa e Oscar Vilhena.

Chama a atenção na produção daquele período o 14 (dossiê “Teatro”, junho–agosto/92). Isso porque Décio de Almeida Prado, presidente do Conselho, era, reconhecidamente, o melhor crítico teatral do Brasil no século passado. Ele dividiu a tarefa de organização do número com outro crítico teatral de incontestável talento: Sábato Magaldi. A seção, com nada menos que 18 textos, tornou-se referência (já demos a notícia, anteriormente, de que vários de seus artigos foram publicados por uma revista cubana especializada, sem qualquer consulta prévia à *Revista USP*).

Dada a envergadura do número, listamos seus colaboradores que, curiosamente, não contava com artigo do próprio Décio: Sábato Magaldi, Alberto Guzik, Mariângela Alves de Lima, Aimar Labaki, Tânia Brandão, Cláudia Braga, Sebastião Milaré, Flora Sússekind, Otávio Frias Filho, João Cândido Galvão, Jefferson del Rios, Marcos Riba de Faria, Sílvia Fernandes, Sônia M. de Azevedo, Renato Cohen, Silvana Garcia, Clóvis Garcia e Jacó

Guinsburg. Esse número ficou conhecido como um eficaz “retrato” do que ocorria no plano teatral do Brasil naquele momento.

E então, no volume seguinte, houve duas ocorrências que poderíamos muito bem qualificar de “históricas”. A primeira delas diz respeito à mudança de capa (já mencionada anteriormente, mas que não custa repetir). O modelo “abstracionismo geométrico de Mondrian” deu lugar à capa “livre”, digamos assim, com imagens – a utilizada naquele número foi a obra “Angelus Novus”, de Paul Klee (a partir daquele momento, a *Revista* perdia o aspecto do que poderíamos chamar de “veículo tradicional acadêmico”, quase carrancudo). O papel “couché” fosco na capa substituiu o tradicional vergê e o resultado foi muito favorável, o que se confirmou nos números posteriores. Ao lado disso, a *Revista* patrocinou um dossiê “campeão de audiência”: “Walter Benjamin” (nº 15, setembro–novembro/92). A exemplo do que ocorreu no seu número inaugural, a edição, de 2,5 mil exemplares, se esgotou em cerca de um mês. A história dessa edição é interessante e a trazemos aqui.

No começo de 1992, um colaborador já conhecido da *Revista*, Willi Bolle, foi à redação acompanhado de Michael de La Fontaine, então diretor do Instituto Goethe de Santiago, para propor a publicação de um material inédito sobre o filósofo alemão: algumas participações do ciclo de conferências ocorrido em 1990 no Instituto Goethe de São Paulo, intitulado “7 perguntas a Walter Benjamin”, com ensaístas brasileiros e alemães. Levou-se o assunto ao Conselho, que acolheu de pronto a idéia. Com algumas alterações no projeto inicial (o texto de Max Bense sobre Walter Benjamin, por exemplo) o número foi publicado e, como já se observou, rapidamente se esgotou.

Pelo seu valor referencial dentro da trajetória da *Revista*, elencamos a seguir nomes e temas publicados em “Walter Benjamin”; como se poderá observar, cada pergunta foi

tematizada por uma dupla de autores: 1. “Por que os herdeiros de Walter Benjamin ficaram ricos com o espólio?” (Klaus Garber/Willi Bolle); 2. “É preciso teologia para pensar o fim da História?” (Norbert W. Bolz/Leandro Konder; 3. “Por que um mundo todo nos detalhes do cotidiano?” (Klaus Garber/Jeanne-Marie Gagnebin); 4. “É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?” (Sérgio Paulo Rouanet/Nelson Brissac Peixoto); 5. “O que é mais importante: a escrita ou o escrito?” (Haroldo de Campos/ Bernd Witte); 6. “Onde encontrar a diferença entre uma obra de arte e uma mercadoria?” (Norbert W. Bolz/Michael de La Fontaine); 7. “Por que o moderno envelhece tão cedo?” (Bernd Witte/ Sérgio Paulo Rouanet). Além desses, ainda faziam parte do dossiê – não ligados ao evento, mas aceitos pelo Conselho: “Sobre a literatura de Walter Benjamin”, de Max Bense, e “Bibliografia das obras de Walter Benjamin no Brasil”, por Gunter Karl Pressler.

Aqui, outro parêntese, pois com “Walter Benjamin” a *Revista*, do ponto de vista gráfico, deu verdadeiramente um salto de qualidade, pois se o miolo já era trabalhado iconograficamente com bastante liberdade, essa mesma liberdade, a partir desse número, passou a se refletir também na capa, como já salientamos.

No momento em que acontece essa produção da *Revista* corre o ano de 1992, correspondente ao que se denominou “primeiro período” da publicação – período que se estenderá até o início de 1994, como já se disse anteriormente. Do ponto de vista do que ocorria na redação desde o número 14, duas ocorrências são dignas de menção: a primeira delas foi a chegada ao corpo de profissionais da *Revista* de Yara Perez, digitadora que trouxe consigo o primeiro equipamento de informática – a partir daquele momento, todos os textos, sem exceção, eram digitados na própria redação, e não mais no serviço de “composição” da CCS, que trabalhava para todos os órgãos da Coordenadoria. Ou seja, a redação passou a contar com um profissional a mais (agora cinco).

Outro acontecimento digno de nota foi o fato de que Bira Correia, a partir desse número, passou a fazer a edição de arte da *Revista USP* no equipamento Macintosh do *Jornal da USP* – está lá no expediente: “Editor de Arte/Editoração Eletrônica”, Ubirajara G. Correia. Ora, tal conjugação de fatores modificou, e muito, o trabalho da redação: a digitação era feita na própria *Revista* (e não mais “fora”) e a edição de arte, num equipamento de reconhecida qualidade. Tal situação estaria muito bem posta se o Macintosh fosse da própria *Revista* e não do *Jornal*. Isso porque, para “fechar” o número, Bira era obrigado a trabalhar “na sombra” do *Jornal*, ou seja, no período em que o diagramador daquela publicação não estivesse operando o seu próprio fechamento.

Bira trabalhava, normalmente, no período da manhã, de segunda a quarta-feira – pois quinta e sexta eram os “deadlines” do *Jornal da USP* e não havia acesso da *Revista* ao equipamento. Assim, sem máquina própria para a arte, era preciso, às vezes, recorrer a expedientes insólitos. Como a *Revista* era “porta colada” com o *Jornal*, inúmeras vezes Ubirajara “furava a cerca”, quando havia alguma pausa nas atividades do semanário, e conseguia realizar seu trabalho por uma, duas horas, sem ser importunado, o que era motivo de comemoração. Tal situação perdurou até meados de 1995, quando o *Jornal* comprou um equipamento Macintosh novo e o antigo foi mandado para a *Revista* – a partir daí o “estado de coisas” da publicação teve uma melhora, embora o Mac recebido já estivesse em vias de obsolescência, situação só completamente alterada em 1997, quando a edição de arte da *Revista* finalmente recebeu seu próprio equipamento atualizado e a editora já era Mônica Leite, ainda hoje no cargo (mas essa é outra história, para a qual será dedicado um espaço mais à frente neste capítulo).

No segundo andar do prédio da Antiga Reitoria, há dois compridos corredores, que partem dos elevadores e terminam em um “ele”. Hoje, nessa “perna mais curta”, funciona toda a divisão da CCS chamada Davidson, que abrange: Agência USP de Notícias, Argos Documentação e o USP-on-Line (responsável pelo portal da Universidade na internet). Pois no começo da década de 90 aquele espaço era “desabitado” e foi para lá que, com a chegada de Lucia Bergamin – ela gostava de ser chamada não de “secretária”, mas “assistente editorial” – a redação da *Revista USP* se mudou em meados de 1993.

Com Lucia, as questões burocrático-administrativas deixaram de ser uma preocupação – e um peso – para a redação. A *Revista* se “profissionalizou” de fato, não sendo mais necessário à redação solicitar continuamente a ajuda da secretaria do Jornal para resolver seus problemas. Tal mudança de ambiente físico se deu por uma razão muito simples: não era possível acomodar cinco pessoas na sala em que atuava a publicação. Costumava-se chamar aquelas novas dependências, ironicamente, de “pavilhão 9”, uma vez que elas ficavam longe de tudo e de todos. Mas o fato é que, aí, a *Revista* recebeu duas salas para desempenhar seu trabalho: numa ficávamos nós, com o editor Nelson Ascher e Jurandir; na outra, Bira, Lucia e Yara.

A questão é que a *Revista*, nas novas e afastadas instalações, passou a ter mais tranquilidade para trabalhar, distante do burburinho do corredor principal e, ao mesmo tempo, passou a granjear uma certa fama de grupo isolacionista dentro da Coordenadoria. Com o passar do tempo, alguns chegaram mesmo a dizer que a *Revista USP* era uma publicação “salto alto”, fechada em si mesma. Situação que se manteve e se aprofundou a partir de 1997, quando, finalmente, sob os auspícios do então Coordenador Celso de Barros Gomes, a *Revista*, já então contando com uma equipe completa, foi para dependências próprias (três ótimas salas) e, pela primeira vez em sua caminhada, com equipamentos de

informática seus, para o 3º andar do prédio – e aí, além dos adjetivos anteriores, um outro foi acrescentado à publicação: a de ser “privilegiada”. Dissemos que aquela situação de publicação fechada em si mesma se aprofundou, pois aí éramos, de fato, o único órgão da CCS em todo o andar – situação que perdurou por dez anos, até que em agosto de 2007 ela retornou ao 2º andar, ao mesmo azafamado corredor.

Falou-se anteriormente que a primeira fase da *Revista* encerrou-se com a saída de Décio de Almeida Prado e demais membros do “primeiro Conselho” – período que durou de dezembro de 1993 (Décio) ao final de 94 (os demais conselheiros, que já haviam solicitado seu desligamento). Seguiram-se, a “Walter Benjamin”, os temas “Palavra e Imagem” (nº 16, dezembro/92–fevereiro/93); “Liberalismo/Neoliberalismo” (muito bem-aceito pelo público também, nº 17, março–maio/93); “Brasil/África” (nº 18, junho–agosto/93); “Cinema Brasileiro” (nº 19, setembro–novembro/93); “Canudos” (nº 20, dezembro/93–fevereiro/94), “Judiciário” (nº 21, março–maio/94); “Futebol” (nº 22, junho–agosto/94); “Nova História” (nº 23, setembro–novembro/94); “Genética e Ética” (nº 24, dezembro/94–fevereiro/95).

Façamos uma pausa aqui, pois, de certa forma, encerra-se aí, um ciclo de trabalho da *Revista USP*. Todos os números mencionados acima estão hoje esgotados. Não são os únicos, é claro, mas a atividade daquele Conselho que se despedia e dava sua participação por encerrada marcou uma época na história da *Revista*. Não era para menos, durante cerca de cinco anos os conselheiros reuniram-se todas as terças-feiras e trabalharam duramente para que a *Revista* se consolidasse. Foi Décio quem primeiro vislumbrou que a publicação já não corria perigo de solução de continuidade – e se retirou, mais do que merecidamente, para sua aposentadoria.

Os outros conselheiros logo o seguiram. O Conselho Editorial se renovou e a *Revista*, por conta disso – com reuniões já quinzenais, equipe de redação em formação caminhando em direção ao seu contorno atual –, e como já se comentou anteriormente, ampliou seu espectro de assuntos. Núbio Negrão foi eleito novo presidente do Conselho e, a partir de sua atuação, a *Revista* passou a viver um novo ciclo, como era de se esperar. Antes de tratarmos desse segundo momento da publicação, faremos alguns comentários sobre aspectos que, já naquela época, diferenciavam a *Revista USP* das demais publicações acadêmico-universitárias brasileiras.

4.3. Por que a *Revista* é diferente?

Em primeiro lugar, é preciso dizer que a idéia de produzir uma revista com números monotemáticos e multidisciplinares, ou seja, com dossiês, foi o primeiro divisor de águas entre a *Revista* e as demais publicações do gênero, desde seu início. Por duas razões: uma teórica e outra prática – esta decorrendo daquela. A teórica é que, tendo na retaguarda um Conselho Editorial com uma idéia bem definida dos propósitos da publicação – o que vale dizer fazer revista para um público leigo, notadamente o universitário, interessado em cultura e ciência –, a tarefa dos Conselheiros estava também muito bem definida. Aliás, um ponto a ser ressaltado na própria portaria GR nº 2.883, de 12 de abril de 1994, assinada pelo Reitor Flávio Fava de Moraes que, entre outras coisas, “dispõe sobre os objetivos da Revista USP”, é que lá está posto: “*Parágrafo Único: Não se enquadram em seus objetivos a publicação de artigos científicos especializados*” (grifo nosso).

Ora, tal fato deu uma imensa margem de manobra ao Conselho e, por sua vez, o obrigou a tomar um extremo cuidado quanto ao material a ser publicado, pois a questão do “texto especializado” deveria a todo custo ser evitado. A nosso ver, a publicação só conseguiu, de fato, se viabilizar a partir, e em concordância, com essa “disposição”. Se é possível notar que os temas de cada número eram, são, cuidadosamente definidos, havia, há, a preocupação adjacente de informar a todo colaborador – na sua imensa maioria professores, pesquisadores, doutorandos e mestrands – que o público a que se destinava, destina, a *Revista*, é um público leigo. Tal proposição encaminhou, naturalmente, os artigos publicados a rumarem em direção ao “ensaio”, esse texto fluido, híbrido, que mereceu a atenção de um Adorno, por exemplo, que, ao analisá-lo, o definiu menos pelo que ele é do que por aquilo que ele não é.¹

De nossa parte, poderíamos tentar simplificar a questão observando que o ensaio, grosso modo, está a meio caminho entre o texto acadêmico e o texto jornalístico – não o noticioso, mas o colunístico (sabemos que é uma simplificação, mas de certa forma ela se faz sentir, nos mais diferentes artigos publicados pela *Revista*, sobre os mais variados assuntos). Pensando ainda no disposto no “Parágrafo Único”, ele foi importantíssimo para a identidade da *Revista USP* – e para sua peculiaridade frente às demais publicações acadêmicas que, na esmagadora maioria, é destinada a um público especializado.

Do ponto de vista prático, se a *Revista*, desde seu primeiro número, já trazia outras seções, o fato da mesma trabalhar a cada volume determinado tema, determinado assunto, lhe trouxe uma vantagem do ponto de vista da edição, propriamente dita: o fato de que o número estava formalmente “circunscrito”. A redação, sabendo de antemão qual seria o tema do carro-chefe da edição, ficava mais solta para trabalhar as outras seções que a compunham. Para não tocar na questão dos prazos, norteados pelos temas do dossiê.

Aqui, um parêntese, pois ao longo do tempo em que fazemos a publicação, inúmeras foram as vezes em que tivemos notícia de que esta ou aquela revista, acadêmica e não-temática, estava com dificuldade de ser “fechada”, por falta de material editorial – o que poderia causar o atraso de até meses na sua publicação. Com um dossiê por trás, ou à frente, de cada edição, a racionalização do trabalho é maior e a redação sabia, sabe, sempre com relativa segurança, com que quantidade mínima de textos contaria, conta, cada número, o que trazia, e traz, certa tranquilidade na realização do trabalho.

Em virtude dessa “conformação editorial” da *Revista*, ela se tornou um produto único, em virtude de suas características, no meio acadêmico, pois nada a impede, por exemplo, de estampar um dossiê cujo tema seja voltado para as ciências exatas – sempre tendo em vista a multidisciplinaridade – e, em sua seção “Textos”, miscelânea por excelência, ela publique lado a lado artigos sobre religião, arqueologia, música, teoria literária, teatro, física, biologia etc. Tal hibridismo talvez tenha sido o principal responsável por ela se manter até hoje como produto de ponta entre as publicações universitárias – revista não indexada, nem por isso deixou de aparecer no portal Qualis, da Capes, quando este foi posto no ar.

O fato de não ser indexada, por sua vez também a singulariza. Ela não é obrigada a contar com “abstracts”, “resumos”, “palavras-chave”, tão comuns – fundamentais seria o caso de afirmar – em outras publicações acadêmicas. A diagramação, por consequência, pode ser mais leve, principalmente nas aberturas de textos em páginas duplas, que podem, e são, trabalhadas com muito mais liberdade. Nesse sentido, ela também se distingue da esmagadora maioria de publicações universitárias.

Outra diferenciação da *Revista USP* em relação às demais publicações acadêmico-universitárias reside no fato de que desde o princípio ela possibilitou a seus articulistas uma

maior liberdade na confecção de seus artigos. Nas revistas acadêmicas tradicionais, observa-se rigidamente a normatização da ABNT e, graficamente, elas não diferem muito entre si. *Revista* não indexada, mas nem por isso carente de prestígio tanto quanto de público e crítica, a *Revista USP*, já a partir do seu número 9, em 1991, tinha um “visual”, digamos assim, que se aproximava bastante das publicações mercadológicas.

Quando se pensa na padronização ABNT das revistas acadêmicas, pensa-se de imediato em artigos com notas no pé da página, ou no final do texto, e ainda bibliografia no fim de cada artigo. Além disso, por serem textos acadêmicos, as notas são profusas e, com certa frequência, longas. Não é o que acontece normalmente na *Revista*, já em decorrência de seu próprio projeto editorial (item 2.8: “Notas de rodapé e referências bibliográficas devem ser reduzidas ao mínimo necessário”). Essa busca do que poderíamos chamar de “fluidez da leitura” sempre foi uma das marcas registradas da publicação.

Nem por isso ela deixou, deixa, de se preocupar, e muito, com o lado técnico da preparação de originais. Ocorre apenas que, nela, há uma maior flexibilidade quanto a essa questão. Por exemplo, o “procedimento do autor” tem prevalência. Assim, se um articulista utiliza o chamado sistema de “autor e ano” entre parênteses no corpo de texto, isso é respeitado, uma vez que ele naturalmente incluirá tal referência nas notas bibliográficas no final do artigo – já ocorreram inúmeros casos em que colaboradores ligaram, e ligam, para a redação com o seguinte pedido: “Por favor, não usem o *idem*, *ibidem*, no meu texto” (o que é respeitado, basta que se folheie com alguma atenção qualquer dos volumes da *Revista*).

Ora, tal procedimento cria um contraponto interessante, pois embora haja textos que pela própria natureza exijam uma normatização mais apurada – ou porque utilizam certa notação num parágrafo ou página e outra distinta a seguir –, por outro lado, se há uma

sistemática própria lógica (ou seja, se o autor manteve coerentemente seu próprio sistema de construção do artigo), ela será mantida. Essa flexibilidade proporciona a cada artigo certa autonomia em relação aos demais, sem que todos deixem de se adequar ao “manual” da publicação.

Já ocorreram inúmeros casos na vida da *Revista* em que os textos chegaram com imensa quantidade de notas – ou extensíssimas notas de rodapé (ficou famoso na redação um texto com nada menos que 150 notas). A solução da edição de arte para procedimentos como esses foi “jogar” as notas para o final do artigo com outro “corpo”, uma vez que eles não cabiam nas chamadas “colunas falsas” das páginas (pensadas para esse fim), ou seja, o texto “acabava” e as notas “continuavam”.

Note-se que em casos como esse é preciso também certa adequação gráfica, utilizada apenas em situações bem especiais. Mas é necessário mencionar ainda que, à medida que o tempo foi passando e os colaboradores se acostumando com o perfil editorial da *Revista*, o procedimento de utilização muitas vezes excessivo de notas foi também se rarefazendo e, na atualidade, os artigos chegam à *Revista* bem mais “enxutos”, com poucas notas ou apenas as imprescindíveis.

Entretanto essa mencionada flexibilidade não tornou a *Revista* imune a críticas. É sabido que a comunidade acadêmica, ou pelo menos parte dela, é impermeável a mudanças normativas – por exemplo, é freqüente em bancas uma preocupação a mais com essas minúcias. Com a *Revista* não poderia ser diferente. É o caso, por exemplo, que ficou folclórico na redação, de um colaborador que se indignou com o fato de não ser utilizado em notas da publicação a forma clássica de “sobrenome antes do nome” do autor, mas o de “nome e sobrenome” simplesmente, para facilitar a vida do leitor.

4.4. *Revista*, segundo momento

Com a saída de Décio de Almeida Prado, a “troca de guarda” do Conselho se deu do período que vai do número 20, “Canudos”, até o 24, (“Genética e Ética”, dezembro/94–fevereiro/95) – Regina Meyer, que assumira a presidência após a saída de Janine Ribeiro, sairia em meados de 1995. Quanto à redação, o editor de arte Ubirajara Correia, que exercera o cargo a partir do número 11, “Razão e Desrazão” (1991), deixaria seu posto no número 31 da *Revista* (“Magia”, setembro–novembro/96), após um período de cinco anos e 20 volumes – ele conseguiu, como já se adiantou anteriormente, dar à publicação um ar nada convencional, diferenciando-a, através de experiências iconográficas (utilizando inclusive o chamado “ensaio de imagens”, como no dossiê “Florestan Fernandes”, nº 29, março–maio/1996), de todas as outras revistas feitas no âmbito acadêmico.

Dessa forma, houve também uma “troca de guarda” num setor importantíssimo da *Revista*, que é a edição de arte. Em substituição a Bira, chegou à *Revista* Mônica Leite, artista plástica (ela é pintora) e designer gráfica, que não apenas o substituiu com talento, como – era de se prever – trouxe novas propostas visuais à edição. Basta dizer, por ora, que Mônica permanece no posto até o momento e que, tão logo conquistou a *Revista* uma impressão verdadeiramente adequada, em 2004, o alcance do seu trabalho se tornou mais “visível”, digamos assim – disso trataremos mais à frente, ao observarmos o “3º momento” da *Revista*.

A segunda fase da *Revista*, que vai de meados de 1994 até o ano de 2004 foi marcada, além do trabalho de “manutenção” do periódico, por uma quantidade de assuntos

muito mais diversificada que na fase anterior. Isso, como já informado anteriormente, mas não custa repetir, deu-se pela nova configuração do Conselho Editorial. Alguns temas podem ser rapidamente enumerados: “Aids” (nº 33, março–maio/97); “Informática/Internet” (nº 35, setembro–novembro/97); “Rumos da Universidade” (nº 39, setembro–novembro/98); “Psiquiatria e Saúde Mental” (nº 43, setembro–novembro/99); “Alternativas para o Séc. XXI” (nº 47, setembro–novembro/00).

É nesse período que a *Revista* publica um dos seus números mais sólidos, já há muito esgotado. Trata-se do exemplar 30, cujo tema do dossiê foi “Brasil dos Viajantes” (junho–agosto/96), organizado por Ana Belluzzo, também curadora da exposição de mesmo tema no Masp, em 1994, e coordenadora do encontro interdisciplinar sobre o assunto – que ocorreu na mesma época, com participação de autores nacionais e estrangeiros. Ao todo, 16 artigos distribuídos em 238 páginas de dossiê – o maior até então já publicado pela *Revista USP*. Número importante pelo trabalho gráfico desenvolvido por Bira Correia e que contou com a participação de Valéria Piccoli Gabriel da Silva (contratada para a escolha do material iconográfico em preto e branco daquela edição, uma vez que a *Revista* só passaria a contar com cores em suas páginas de miolo a partir de agosto de 2004). Sucesso de público e de crítica, a exposição de Ana Belluzzo seria levada a Londres – na casa de leilão Christie’s, em 1996, onde também alcançou sucesso.

Voltemos à redação. Ela chegou à atual formação de seu quadro de profissionais em 1996, com a chegada da revisora Cleusa Machado (até então, a revisão dos artigos da *Revista* era executada pela equipe de revisores do *Jornal da USP*). Ora, tal fato foi sobremaneira importante na vida da *Revista USP*, pois propiciou-lhe autonomia completa quanto à edição – a partir de então, ela passou a contar com um quadro de funcionários

próprio. Tal quadro mantém-se até hoje – com uma exceção, Sandra Marques substituiu Yara Perez, da digitação, que se aposentou naquele ano.

Dessa forma, com um corpo completo de profissionais daquela data em diante e, após, com as novas dependências no 3º andar do prédio da Antiga Reitoria, a vida da redação estabilizou-se por volta de 1997, quando foi adquirido pela CCS para a arte da *Revista* o primeiro equipamento Macintosh “novo em folha”, e Mônica Leite pôde aposentar seu modelo anterior, que a publicação herdara do *Jornal da USP*, já então totalmente obsoleto e fonte de problemas contínuos a cada edição. O passo seguinte da *Revista*, basicamente técnico, só seria alcançado sete anos mais tarde, em 2004, quando ela passou a ser impressa na Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (Imesp) – assunto para mais adiante.

Um aspecto que chama a atenção na produção desse 2º período, que ora observamos, é o fato de que a *Revista* começou a trabalhar com “trilogias”. A idéia de um grupo de dossiês contemplando um só assunto de forma categoricamente multifacetada teve início em 2000. O projeto inicial, nesse sentido, nasceu da comemoração de uma efeméride que de forma alguma poderia ser desconsiderada: a princípio, publicar um volume sobre os 500 anos da descoberta do Brasil. Julgou então o Conselho que, dada a envergadura do assunto, um número apenas não seria suficiente para se dar conta de tal trabalho.

A execução desse projeto gerou três números e nove meses de trabalho da redação. O primeiro volume da trilogia, número 44, dossiê “Antes de Cabral – Arqueologia”, dezembro/99–fevereiro/00, pela extensão da seção (314 páginas) obrigou a *Revista*, inclusive, a publicar o número em dois volumes – caso único na história do veículo. Seguiram-se a ele “Durante Cabral – Os Portugueses” (nº 45, março–maio/00), com

colaboração exclusiva de autores portugueses (fato também único na trajetória da *Revista*, um dossiê só com autores estrangeiros). O 46 (“Depois de Cabral – Formação do Brasil”, junho–agosto/00) finalizou aquele momento do veículo.

O procedimento de desmembramento de assuntos tornou-se mais freqüente nos anos seguintes. Basta mencionar os volumes 57 (março–maio/2003), 58 (junho–agosto/03) e 59 (setembro–novembro/03), respectivamente “Brasil Colônia”, “Brasil Império” e “Brasil República”. Um parêntese aqui, envolvendo o mais recente ciclo de trabalho da *Revista*, haja vista que o 68 e o 69 são justamente “Racismo I” (nº 68, dezembro/05–fevereiro/06) e “Racismo II” (nº 69, março–maio/06).

A seguir, o Conselho houve por bem trabalhar no que se convencionou chamar na redação de “trilogia dos 4 elementos”. Assim surgiram os volumes 70 (“Ar”, junho–agosto/06), 71 (“Terra”, setembro–novembro/06) e 72 (“Ar/Fogo”, dezembro/06–fevereiro/07). Pouco antes de vir a público este último, foi publicado e amplamente divulgado o último relatório do IPCC (sigla em inglês do Painel Intergovernamental sobre Mudanças de Clima), sobre meio ambiente e emissão de carbono em nível global, o que conferiu à trilogia uma atualidade que nem mesmo o Conselho poderia suspeitar quando iniciou o projeto.

Finalizando essa questão: no momento em que escrevemos, acaba de ser publicado o primeiro volume da trilogia “Pensando o Futuro”. O 74, tem com subtítulo “Humanidades” (junho–agosto/07) e se seguirão a ele “Pensando o Futuro – Ciências Biológicas”, 75, e “Pensando Futuro – Ciências Exatas”, 76.

Retornando no tempo, mais precisamente a 1998, outro episódio marcou a vida da *Revista*, quando a editora de arte Mônica Leite, a pedido do Coordenador da CCS, Celso de

Barros Gomes, elaborou um novo projeto gráfico para a publicação que incluía, entre outros pontos, a mudança do logotipo da *Revista*. (O logotipo da *Revista*, aliás, merece um comentário: do número 1 ao 14 ele não se alterou. A partir do 15, com o projeto de capa feito por André Stolavski e Rodrigo Mindlin Loeb, ele passou a ser composto de “2 blocos”, digamos assim: manteve-se o logo convencional da USP, como na primeira fase, mas o “revista”, com letras quase em itálico, visualmente, parecia dividi-lo em dois. Com o novo projeto gráfico, do número 39 até a atualidade, Mônica substituiu o logo todo por outra fonte “futura condensado”, dando mais equilíbrio, elegância e funcionalidade ao logotipo.)

O “boneco”, isto é, o novo “layout” da *Revista* foi submetido à apreciação de Heliodoro Teixeira Bastos Filho, professor de Arte Publicitária na ECA, e por ele aprovado com bastante entusiasmo, com inúmeras observações sobre as novas possibilidades que o novo projeto poderia – e está podendo – trazer à *Revista*. Como tudo se passou no âmbito institucional, esse foi outro passo importante para a consolidação do trabalho gráfico e iconográfico que Mônica já desenvolvia e que consistia, consiste, grosso modo, na utilização conceitual das imagens espalhadas nas páginas, trabalhadas em computador, e na prevalência do preto-e-branco sempre que possível (esta, uma marca registrada do trabalho da editora de arte), até o momento em que a utilização de cor no miolo se tornou corriqueira.

De forma geral, delineou-se, até aqui, o que denominamos “segundo momento” da *Revista USP*, marcado não apenas pela presidência no Conselho de Núbio Negrão, mas ainda pela ampliação do leque de temas que ela abordou nesse período e ainda pelo desenvolvimento gráfico por que ela passou. Como já se referiu anteriormente, esse

segundo período durou até o número 62 (dossiê “Cosmologia”, junho–agosto/04), quando, após solicitação da publicação, por intermédio da CCS, o Reitor Melfi passou a liberar verba da Reitoria para que a *Revista* fosse impressa na Imprensa Oficial – o que se mantém na gestão da Reitora Suely –, deixando de ser utilizada a gráfica da CCS. Os resultados da mudança logo foram sentidos e são o tema do exposto a seguir. Antes, deve ser dito que o físico Élcio Abdalla passou a presidir o Conselho Editorial a partir de agosto de 2006.

4.5. O atual: 3º momento da *Revista*

Dissemos anteriormente que é possível observar um “terceiro período” na *Revista USP* a partir do momento em que a publicação passou a ser impressa na gráfica da Imprensa Oficial, o que aconteceu a partir do número 62, dossiê “Cosmologia” (junho–agosto/04). A grande novidade, desde essa edição foi a utilização de papel couché no miolo, e costura – antes, como já se enfatizou a *Revista* era colada e até o 65 a capa seria rodada em papel cartão plastificado. Ora, a questão da costura era uma reivindicação antiga da publicação. Basta dizer que tanto leitores como o próprio Conselho, já no seu início, faziam observações a esse respeito, uma vez que, ao se folhear os exemplares, as páginas se soltavam.

Tal situação gerou, durante muito tempo, uma boa dor de cabeça para a *Revista*, de forma geral. Com a costura o problema foi sanado e, com o miolo de “papel de revista”, digamos assim, a publicação ficou bem mais atraente – com um certo “ar” de periódico mercadológico, afastando-a cada vez mais de suas congêneres. Isso é mais visível, a partir do número 65, dossiê “20 anos de Redemocratização” (março–maio/05), com o retorno da

capa em papel couché fosco, com orelhas. A cor e as texturas parecem ganhar mais vida e os recursos gráficos permeiam os volumes de forma mais acentuada – “elegante”, “dinâmica”, “bem-acabada”, são alguns dos adjetivos ouvidos dentro e fora da USP para caracterizar essas novas conquistas da *Revista*.

O que se pode observar é que, na verdade, as conquistas mencionadas acima foram, na verdade, de acabamento e não de ordem gráfica. Isso é bem verdade. Mas seria possível acrescentar que, a partir do momento em que foi possível adotar cor no miolo, além de cor na capa, a tarefa da diagramação ficou mais “amarrada”, digamos assim. Isso porque, quem conhece a *Revista*, sabe que uma das marcas registradas da edição de arte é singularizar a cada seção. Ou seja, as cores da capa acompanham todo o dossiê, a seção “textos” tem uma segunda característica e “livros”, por sua vez, também tem identidade própria – isso em qualquer volume desde o 39. Nesse sentido, o acabamento acaba por influenciar toda a edição de arte da *Revista*.

Como se nota, esse terceiro momento da *Revista* é marcado, principalmente, pelas questões técnicas de edição de arte, que tornaram possível ainda mais equilibrar texto e imagem. Se no começo a *Revista USP* era conhecida e reconhecida pela qualidade dos textos e dos autores que os assinavam, se já na época da saída do “primeiro Conselho”, havia uma pronunciada preocupação com a parte visual, é possível, hoje, pensar perfeitamente no desenvolvimento de seu aspecto gráfico – que confere à *Revista* equilíbrio e, por que não dizer, harmonia. É possível dizer ainda que, dada a característica de perenidade dos textos aí publicados – eles costumam ser referência em suas áreas de atuação – o trabalho gráfico, iconográfico, tende a crescer (como tem ocorrido nos últimos anos).

De forma geral, o exposto até aqui é o que temos a dizer a respeito dessa última fase da *Revista*, marcada, também, por uma forte variedade de temas, que vão do racismo ao meio ambiente, da religiosidade à política de financiamento da pesquisa no país, por exemplo.

Em suma, finalizando este trabalho, não seria arriscado dizer que a *Revista USP*, pensada na gestão Goldemberg (em 1988), viabilizada por um Conselho Editorial forte e voluntarioso desde seu início e sob a guarda da Coordenadoria de Comunicação Social é um produto uspiano de qualidade reconhecida nacionalmente, que tem marcado sua trajetória pela excelência de seus textos e colaboradores. A isso, se soma, como se observou há pouco, um cuidado especial com sua “apresentação visual”, com um esmero gráfico, que evolui a cada número, tornando-a uma publicação universitária com caráter diferenciado. Publicação diferenciada no melhor sentido da palavra.

Nota

1. Adorno, Theodor W. “O ensaio como forma”, in *Notas de Literatura I* (org. da edição alemã de Rolf Tiedman; trad. e apres. de Jorge de Almeida). São Paulo, Livraria Duas Cidades/Editora 34, pp. 15-45.

5. Notas finais

Neste nosso trabalho procuramos delinear um histórico da *Revista USP*, com um breve apanhado sobre sua antecessora – a *Revista da Universidade de São Paulo* –, a atuação do seu Conselho Editorial, em especial o que aqui denominamos de “primeiro Conselho”, o surgimento, desenvolvimento e conformação do seu corpo redacional e, além disso, a inserção da *Revista*, primeiro na antiga Codac e, posteriormente, na Coordenadoria de Comunicação Social da USP, à qual seu funcionamento está subordinado.

Nunca é demais salientar que nosso objeto de trabalho, que neste 2007 alcançou sua maioria – ela completou 18 anos –, mereceu nossa atenção não apenas pelo que tinha, e tem, de acadêmico, mas ainda por alcançar um sentido muito mais universalizante, sendo, por excelência, um veículo universitário cuja finalidade é verter para um público afeito à cultura e ciência um material editorial e iconográfico que a distingue de suas congêneres em variados aspectos.

Um deles – e, acreditamos, o mais importante – é o fato de ter a *Revista USP* trabalhado desde seu início com números monotemáticos, isto é, com dossiês que focalizaram, e focalizam, as mais variadas áreas do saber e os mais distintos assuntos. O segundo ponto que chama a atenção na *Revista* refere-se à linguagem nela veiculada e ao fato de que ela não se destina a um leitor especializado, mas primordialmente a um público leigo, com perfil universitário, interessado e predisposto, repetimos, a ler sobre cultura e ciência. Chama a atenção o fato de que esse público se mantém no tempo, ou seja, a *Revista* possui um público fiel. O que nos leva a outra questão não menos importante.

Trata-se do fato de que a linguagem utilizada pelos autores em seus artigos não ser “fechada” no sentido acadêmico, mas “aberta”, acessível. O que só pôde ser conseguido pelo caráter ensaístico dos textos que a permeiam do seu início até o presente. Ou seja, os colaboradores podem tratar de temas ou idéias complexas, mas a busca de uma linguagem acessível diferencia a *Revista USP* das outras publicações acadêmicas que, como já se observou no corpo desta dissertação, são voltadas para um público especializado. Essa questão, a nosso ver, foi fundamental, não apenas para a sua sobrevivência, mas para seu próprio desenvolvimento e sua sustentação como periódico trimestral que nunca sofreu, em sua história, solução de continuidade.

Outro fato importante a destacar diz respeito ao cuidado com a questão gráfica. Também aí a *Revista* não encontra similar, via de regra, entre suas irmãs acadêmicas. Desde muito cedo – mais especialmente a partir do seu segundo ano de vida – a *Revista USP* tratou de procurar, com insistência, seu próprio caminho visual (no que recebeu um apoio fundamental de seu Conselho Editorial) e, com o passar do tempo, acabou por ganhar uma identidade própria no que diz respeito à parte gráfica – hoje, é comum o comentário de que, graficamente, embora mantenha a sisudez característica das publicações universitárias, ela é “quase” um veículo de grande imprensa, em que cores, imagens e texto dão-se as mãos de forma harmoniosa e, de certa maneira, ousada, haja vista que ela é feita dentro dos muros da Academia.

Outros fatores se somam ao que já se expôs até aqui e um deles é certamente o fato de que, com o tempo, a *Revista* conquistou seu próprio grupo de profissionais – assim como acontece com os outros veículos da CCS. E se isso ocorreu e se formalizou de fato em 1996, foi pela simples questão de que colaborar na *Revista USP* traz certo prestígio ao autor

por ela publicado, seja ele professor, pesquisador, seja até mesmo um aluno da Pós-Graduação – da própria Universidade ou não.

Nesse sentido ainda, a *Revista USP* é um veículo também diferenciado, uma vez que ela não é publicação indexada – mas figura no Qualis do portal da Capes, desde que este foi criado – e muito menos paga a seus colaboradores. Nem por isso, deixa de receber com constância boa quantidade de textos enviados espontaneamente que, após passarem pelo crivo do Conselho Editorial, abastecem suas seções “Textos” e “Livros”. O mais interessante é o fato de que, desde o princípio, o Conselho Editorial e mesmo a Coordenadoria não tenham se preocupado com essa questão, ou seja, a da indexação do periódico, gozando a *Revista* de uma “liberdade” incomum no que diz respeito a veículos universitários, acadêmicos.

É preciso lembrar, por outro lado, que um veículo com proposta de trabalho como a *Revista USP*, dado seu hibridismo, digamos assim, nem por isso deixou, ou deixa, de conhecer dificuldades de edição a cada número. Na verdade, à medida que a *Revista* foi “crescendo”, essas dificuldades, de ordem editorial ou mesmo gráfica – para não mencionar as de ordem material –, desde o início foram e têm sido superadas graças a um trabalho que exige constante criatividade (passe a palavra), para não dizer ousadia (tanto editorial quanto gráfica, repetimos). Tal dificuldade se repete a cada fechamento, dada a sua vocação interdisciplinar. O hibridismo acima mencionado é, antes de mais nada, um “complicador”, pois projeta de per si um certo atrevimento necessário à sua elaboração, que precisa ser arduamente trabalhada. O leitor que se dispuser a lançar olhos sobre os 74 volumes editados até o momento terá uma melhor visão sobre o que acabamos de dizer.

Antes de encerrarmos, uma rápida consideração sobre o site da *Revista* (www.usp.br/revistausp). Ele surgiu em 1999 com a contratação da estagiária Sandra

Crevellari, oriunda da FAU, que lhe deu uma feição que permanece até hoje. Somente em 2007, com a chegada de outro estagiário, Sílvio César Tamasso D'Onofrio, proveniente do Departamento de Letras da FFLCH, é que a página da *Revista USP* na internet se robusteceu, tornando-se mais atraente. Vários estagiários nela trabalharam nesse meio tempo, fazendo apenas sua manutenção. Com Sílvio, o site tem apresentado inúmeras modificações substanciais e se tornado mais dinâmico, com vários recursos de navegação.

Em suma, são estes os pontos que tínhamos a destacar no fecho desta dissertação que, como já observamos, constitui-se num trabalho necessário de documentação de um veículo pensado – primeiro pela Reitoria da Universidade – para ser uma ponte verdadeira ligando o saber acadêmico e a sociedade. A *Revista*, nos atreveríamos a dizer, é não apenas uma conquista da própria USP. Ela cumpre ainda, uma função importante da Universidade de São Paulo: vulgarizar (no seu melhor sentido) o saber gestado intramuros e o levar à sociedade. A seu modo, é uma experiência inédita que deu, tem dado, certo.

6. Bibliografia

- ABRAMO**, Cláudio. *A regra do jogo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- ADORNO**, Theodor. W. *Notas de literatura I*, org. Rolf Tiedemann, trad. e apres. de Jorge de Almeida. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 1993, pp. 15-45.
- BAKHTIN**, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais* (trad. Yara Frateschi Vieira). São Paulo, Hucitec, 1987.
- . *Estética e criação verbal* (trad. do russo por Paulo Bezerra). São Paulo, Martins Fontes, 4ª ed., 2003.
- BORGES**, Jorge Luis; **GUERRERO**, Margarita. *O livro dos seres imaginários* (trad. Carmen Vera Cirne Lima). São Paulo, Globo, 2004, pág. 13.
- BUYSENS**, Eric. *Semiologia e comunicação lingüística*. São Paulo, Cultrix-Edusp, 1972.
- CAPOTE**, Truman. *A sangue frio* (trad. Sérgio Flaksman). São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- CANETTI**, Elias. *A consciência das palavras* (trad. Márcio Suzuki e Herbert Caro). São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- CASASÚS**, Josep Maria. *Iniciación a la periodística*. Barcelona, Teide, 1988.
- CASTELLS**, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, 2001.
- CHAPARRO**, Manuel Carlos. *Linguagem dos conflitos*. Coimbra, Minerva Coimbra, 2001.
- COSTA**, Caio Túlio. *O relógio de Pascal – A experiência do primeiro ombudsman no jornalismo brasileiro*. São Paulo, Siciliano, 1991.
- DAMÁSIO**, António R. *O erro de Descartes – emoção, razão e o cérebro humano* (trad. Dora Vicente e Georgina Segurado). São Paulo, Companhia das Letras, 2005, 2ª. ed.
- ENCICLOPAEDIA BRITANNICA**, vol. 17, verbete “periodical”. Chicago/London/Toronto, Enciclopedia Britannica, Inc., s/d., pp. 512-16.
- ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL**, vol. 16, verbete “imprensa”. São Paulo/Rio de Janeiro, Enciclopedia Britannica do Brasil Ltda., 1992, pp. 5992-6019; e verbete “periodismo”, pp. 8774-76.
- ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL ILUSTRADA – EUROPEO-AMERICANA**, Vol. 43, verbete “periodismo”. Barcelona, Hijos de J. Espasa, Editores, s/d, pp. 860-84.
- GINZBURG**, Carlo. *O queijo e os vermes* (trad. Maria Betânia Amoroso). São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- LOTMAN**, Iuri. *La semiosfera I: Semiótica de la cultura y del texto* (trad. de Desidério Navarro). Ed. Frónesis/Cátedra Universitat de València, 1996.

- MAINGUENEAU**, Dominique. *Análise de textos de Comunicação*. São Paulo, Cortez, 2002.
- MEDINA**, Cremilda. *Notícia, um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana industrial*. São Paulo Summus, 1989, 3ª ed.
- MELO**, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. São Paulo, Summus, 1985.
- MORAIS**, Fernando. *Corações sujos – A história da Shindo Renmei*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- MORIN**, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa, Publicações Europa-América, s/d.
- NAGAMINE BRANDÃO**, Helena H. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, Unicamp, 1991.
- PEUCER**, Tobias. *De relationibus novellis*. Leipzig. Tese de doutorado em periodística. Universidade de Leipzig, 1690 (trad. de Paulo da Rocha). São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, 1999. [Mimeo].
- SOUTO CORRÊA**, Thomaz. “Uma breve história das revistas em cinco partes”. Disponível em <http://cursoabril.abril.com.br/coluna/materia_84318.shtml> (último acesso em 3/10/2006).
- STUMPF**, Ida Regina Chitto. *Revistas universitárias: projetos inacabados*. Tese de doutorado. São Paulo, ECA-USP, 1994.
- . “Passado e futuro das revistas científicas”, in *Ciência da Informação*, vol. 25, número 3, Artigos. Disponível em <<http://scholar.google.com/scholar?hl=pt-BR&lr=&cluster=4783321058983500365>> (último acesso em 3/10/2006).
- TALESE**, Gay. *O reino e o poder – Uma história do “The New York Times”*, Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Companhia das Letras, 2006, 1ª reimpressão.
- . *A mulher do próximo □ Uma crônica da permissividade americana antes da era da aids* (trad. Pedro Maia Soares). São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- WILSON**, John. *Understanding journalism – a guide to issues*. London and New York, Routledge, 1996.
- WOLF**, Mauro. *Teorias das comunicações de massa* (trad. Karina Jannini). São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- WOLFE**, Tom. *Radical chique e o novo jornalismo*, sel. Matinas Suzuki Jr. (trad. José Rubens Siqueira). São Paulo, Companhia das Letras, 2005, 2ª ed.
- ZUMTHOR**, Paul. *A letra e a voz – A “Literatura” Medieval* (trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira). São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

7. Apêndice

Editorial da edição 68, dossiê “Racismo I” (dezembro/05–fevereiro/06).

Num país mergulhado em problemas econômicos, sociais e culturais seculares, a *Revista USP* publica seu primeiro dossiê sobre o tema “Racismo”. Na verdade, “Racismo I”, uma vez que daremos continuidade à questão no próximo número. E sobra a pergunta: por que dois dossiês sobre racismo? É bom lembrar que já tivemos outros exemplos anteriores, quando o assunto pareceu importante demais para ser relegado a um só exemplar. Assim, aconteceu com a trilogia em comemoração aos 500 anos do Brasil (“Antes de Cabral”, “Durante Cabral” e “Depois de Cabral”) – no primeiro dos quais tivemos que optar por lançar um dossiê dividido em dois volumes, tal a quantidade de material existente de boa qualidade. Lembremos ainda outra trilogia: “Brasil Colônia”, “Brasil Império” e “Brasil República”. E neste exato momento está em fase de preparação e estudo uma trilogia de dossiês sobre os quatro elementos: água, terra, ar/fogo.

Assim, se o Conselho Editorial desta revista optou por dedicar dois de seus dossiês – que são o chamado carro-chefe da revista – ao assunto foi por entender a complexidade, a extensão e a profundidade desse tema, que é uma das questões fundamentais postas na vida brasileira e que sofreu, e sofre, muitas reviravoltas do início do século passado até os nossos dias. Um tema que tem invadido, sistematicamente, as discussões dentro e fora dos muros da Universidade, com posições vincadas muitas vezes pelo acirramento (como a questão de cotas). Ainda bem que seja assim, pois o leitor terá, como diremos, um mapeamento mais sólido do assunto. Não se segue do que foi dito até aqui que os dois dossiês tratarão somente do negro e sua inserção na sociedade brasileira – na verdade, é isso que predomina neste número, ampliando-se o leque de abordagens no dossiê seguinte. De toda forma, como bem notará o leitor, a seriedade dos estudos aqui publicados mais uma vez impera. Nem poderia ser diferente: é a tarefa que esta revista desde seu primeiro número se impôs.

Chamamos a atenção do leitor ainda para a bela seção de homenagem ao centenário de nascimento de um dos maiores escritores brasileiros do século passado: o gaúcho Erico Verissimo. Boa leitura.

FRANCISCO COSTA

8. Anexos

- 8.1. A – Capa da edição número 2, dossiê “Tempo” (junho–agosto/99)
- 8.2. B – Capa da edição número 35, dossiê “Informática/Internet” (setembro–novembro/97)
- 8.3. C – Capa da edição número 67, dossiê “Religiosidade no Brasil” (setembro–novembro/05)

Revista USP

TEXTOS

KHLÉBNIKOV

Viatcheslav Ivanov
Haroldo de Campos
Serguîi Eisenstein
Guenádi Algui
Celso Lafer

GÓGOL
RENÉ CHAR
EUA NO MUNDO
DE MAISTRE E
MACHADO DE ASSIS
MESSIANISMO E NIILISMO
DILTHEY
ARTE-EDUCAÇÃO
MASCULINO E FEMININO

Antonio Candido
Gershom Scholem
Frithjof Rodi
Ana Mae Barbosa
Olgaia Matos

LIVROS

HAWKING	Henrique Fleming
STEPHEN KERN	Berta Sichel
MIELETINSKI	Jerusa Pires Ferreira
BARROCO	Nilce S. Martins
SARDUY	Horácio Costa
SEIS POETAS	Flora Süssekind

2
Junho
Julho
Agosto
1989

DOSSIÊ

TEMPO

Henrique Fleming
Fernando Reinach
Norberto Rodrigues
Décio de Almeida Prado

HOMENAGEM

AURÉLIO B. DE HOLANDA

Paulo Rónai
Lédo Ivo
Otto Lara Resende

Revista

USP

Dossiê Informática/Internet

Flávio Fava de Moraes
Imre Simon
Arnaldo Mandel
Jorge L. de Lyra
José Rincon Ferreira
Rosely Favero Krzyzanowski
Onofre Trindade Jr
Martin Grossmann
José Luiz Kugler
Nicolau Reinhard
Sérgio Mascarenhas
Maria Ercília
Phil Agre
Peter Lyman
Tamara Benacouche
Fátima Cabral
Reinaldo Espinosa

L I V R O S

Amazônia/Aziz Ab'Sáber
por Nilton Moulin
Catulo/J. A. Oliva Neto
por Paulo Sérgio de Vasconcelos
Heiner Müller/Ruth C.O. Röhl
por Ingrid Koudela

35

AGO

SET

OUT

NOV

DEZ

JAN

setembro
outubro
novembro
2005

revistausp

Religiosidade no Brasil

Roque de Barros Laraia
Faustino Têtxeira
Renata de Castro Meneses
Carlos Eduardo B. Calvani
Antonio Gouvêa Mendonça
Lauri Emilio Wirth
Paulo Barrera Rivera
Leonildo Silveira Campos
Mauricio Lotacono
Renato da Silva Queiroz
Vagner Gonçalves da Silva
Sandra Jacqueline Stoll
Marta F. Topel
Ricardo Mário Gonçalves
Geraldo José de Paiva
José Guilherme C. Magnani
Paulo G. Hill da R. Pinto

67